



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE JORNALISMO

Acácia Renata Farias da Silva

**PERFIL DO JORNALISTA NO ESTADO DO AMAPÁ: CARACTERÍSTICAS
DEMOGRÁFICAS, SALÁRIO, ROTINAS PRODUTIVAS E MOTIVAÇÃO DO
PROFISSIONAL NO MERCADO DE TRABALHO**

MACAPÁ-AP

2016

Acácia Renata Farias da Silva

**PERFIL DO JORNALISTA NO ESTADO DO AMAPÁ: CARACTERÍSTICAS
DEMOGRÁFICAS, SALÁRIO, ROTINAS PRODUTIVAS E MOTIVAÇÃO DO
PROFISSIONAL NO MERCADO DE TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da
Universidade Federal do Amapá, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Professor Esp. Jacks de Mello
Andrade Junior

Macapá-AP

2016

“Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte”.

Gabriel García Márquez

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu discernimento para chegar à conclusão dessa etapa tão importante da vida.

Aos meus pais, que apoiaram, confiaram no meu potencial e que deram seu melhor para que eu alcançasse essa formação acadêmica. A vocês expesso o meu maior agradecimento.

Ao meu orientador, Prof. Jacks Andrade, pelos ensinamentos, por ter dispensado tempo, dedicação e orientação às inúmeras respostas sobre o mesmo questionamento: TCC. Agradeço imensamente por transmitir seus conhecimentos e me mostrar o quanto essa pesquisa poderia se tornar mais leve.

Ao meu namorado, Francisco Santos, que desde o início desse curso esteve comigo, sempre me incentivou e acreditou no meu trabalho. Muito obrigada por ser tão compreensivo, teu apoio foi muito importante para a conclusão desta etapa.

Finalmente, agradeço a todos os professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, por repassarem muito mais que conhecimento, mas também por serem exemplos de profissionais pela conduta e caráter.

Obrigada a todos que, mesmo não estando citados aqui, tanto contribuíram para a formação desta jornalista.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata de um estudo acerca do perfil e mercado do jornalista amapaense. Quanto ao público pesquisado, propõe-se analisar os jornalistas sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá (SINDJOR/AP), os profissionais recém-formados pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e os acadêmicos do último ano que já atuam na área do Jornalismo. Adotou-se como metodologia inicial, a realização de uma pesquisa quantitativa, com aplicação de questionários fechados para alcançar os três grupos delimitados. Posterior a isso, foi realizada a segunda fase, que corresponde à etapa qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Para essa fase, optou-se por entrevistar 10% dos jornalistas sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá (SINDJOR/AP) alcançados na primeira fase e os recém-formados pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A partir das respostas obtidas, constatou-se que se o jornalista amapaense tivesse que escolher outra profissão em sua vida, escolheria novamente o jornalismo; no entanto, consideram que o jornalista precisa ser mais valorizado na questão salarial.

PALAVRA-CHAVE: jornalismo; perfil do jornalista; mercado de trabalho; formação do jornalista.

ABSTRACT

The present course conclusion project is a study about the profile and market of the Amapaense journalist. As for the public researched, is proposed to analyze the unionized journalists to the Union of Amapá's Journalists (SINDJOR-AP), the newly graduated professionals from the Federal University of Amapá (UNIFAP) and academics from the last year that already operate in the journalistic area. It was adopted as initial methodology a quantitative research applying some closed questionnaire to achieve the three defined groups. After this, a second stage was accomplished that corresponds to the qualitative phase performed by semi-structured interviews. For this stage, was decided to interview 10% of the unionized journalists to the Union of Amapá's Journalists (SINDJOR-AP) reached in the first stage and the newly graduated professionals from the Federal University of Amapá (UNIFAP). From the received responses, it was found that if the Amapá's journalists had to choose another profession in their life, they will choose Journalism again; however, they believe that the journalist needs to be more valued when it comes to salary.

KEYWORDS: Journalism; journalist's profile; labour market; schooling journalist.

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1: Jornalistas amapaenses por sexo (2016)	35
Figura 2: Jornalistas amapaenses por faixa etária (2016).....	36
Figura 3: Cor/raça dos Jornalistas amapaenses (2016).....	37
Figura 4: Jornalistas amapaenses praticantes de alguma religião (2016).....	38
Figura 5: Naturalidade dos Jornalistas amapaenses (2016).....	39
Figura 6: Nível de escolaridade do jornalista amapaense (2016).....	39
Figura 7: Instituições em que houve a formação em Jornalismo (2016).....	40
Figura 8: Jornalistas sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá – SINDJOR (2016)	41
Figura 9: Forma de ingresso no primeiro trabalho (2016)	42
Figura 10: Área de comunicação em que trabalham (2016).....	43
Figura 11: Tempo que atua ou atuou na área jornalística (2016)	44
Figura 12: Faixa salarial (2016)	45
Figura 13: Tempo de atuação dos jornalistas que recebem de 5 a 10 salários mínimos (2016)	46
Figura 14: Distribuição de renda de homens e mulheres do Jornalismo amapaense (2016)	47
Figura 15: Função atual do jornalista amapaense (2016).....	48
Figura 16: Acúmulo de função remunerada do jornalista amapaense (2016).....	49
Figura 17: Carga horária semanal do trabalho dos jornalistas amapaenses (2016).....	49
Figura 18: Setores em que estão trabalhando os jornalistas amapaenses (2016)	50
Figura 19: Poderes em que estão trabalhando os jornalistas do setor público (2016)....	51
Figura 20: Esfera em que estão trabalhando os jornalistas amapaenses (2016).....	52
Figura 21: Opinião a respeito da exigência de formação na área para o exercício da profissão (2016).....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	11
2.1 Referencial teórico.....	11
2.1.1 O jornalismo e sua função social.....	11
2.1.2 Aspectos históricos sobre a profissão de Jornalista no Brasil	17
2.1.3 Estudos sobre o perfil do jornalista no Brasil.....	20
2.1.4 Jornalismo no Amapá	26
2.2 Referencial metodológico.....	26
2.2.1 Métodos e técnicas de pesquisa empregados.....	26
2.2.2 Fase exploratória.....	27
2.2.3 Método quantitativo.....	27
2.2.4 Método qualitativo.....	29
2.2.5 Técnicas para análise dos dados obtidos	31
3. DESENVOLVIMENTO.....	31
3.1 Procedimentos realizados na fase da abordagem quantitativa.....	32
3.1.1 Envio dos questionários.....	34
3.1.2 Apresentação, discussão e análise dos dados da fase quantitativa	35
3.1.2.1 Gênero	35
3.1.2.2 Idade	36
3.1.2.3 Cor/Raça	37
3.1.2.4 Religião.....	38
3.1.2.5 Naturalidade.....	39
3.1.2.6 Escolaridade.....	39
3.1.2.7 Sindicalização	42

3.1.2.8 Ingresso no mercado de trabalho	42
3.1.2.9 Área de atuação	43
3.1.2.10 Atuação e Remuneração	44
3.1.2.11 Exigência de formação na área	53
3.2 Pesquisa qualitativa	53
3.2.1 Delimitação do público da fase qualitativa.....	54
3.2.2 Procedimentos adotados nas entrevistas.....	55
3.2.3 Discussão e análise dos dados da fase qualitativa	56
3.3 Sugestões do pesquisador	60
3.3.1 Sugestões para a academia	60
3.3.2 Sugestões para o sindicato	61
3.3.3 Sugestões para os profissionais	61
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
BIBLIOGRAFIA	71
APÊNDICES	71
Apêndice A - etapa quantitativa - questionário estruturado	71
Apêndice B - etapa qualitativa - roteiro de perguntas	76

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva realizar investigações quanto às características profissionais do Jornalismo no âmbito amapaense. Os conceitos desenvolvidos nesta pesquisa dizem respeito ao jornalista, considerando a possibilidade que esse profissional possui de atuar em diversas áreas de trabalho, como assessoria de comunicação, rádio, televisão, web ou jornal impresso. No estado do Amapá, assim como em outros estados, o jornalista trabalha nesses diversos setores.

Em termos gerais, a questão que norteou essa pesquisa foi: Como está o mercado de trabalho dos jornalistas no estado do Amapá? Com o problema de pesquisa definido, traçou-se o principal objetivo do trabalho, que foi o de realizar investigações acerca do perfil profissional dos jornalistas no Amapá. Já como objetivos específicos, a pesquisa visa perceber como está estabelecido o campo de atuação em que o jornalista está inserido, abordar qual/quais a(s) área(s) do Jornalismo eles estão trabalhando, verificar o que o jornalista recém-formado e os que já estão há mais tempo na área pensam sobre o próprio trabalho e sobre o Jornalismo, elucidar razões pessoais que possam ter influenciado na sua decisão de se tornar um jornalista, averiguar o que pensam os jornalistas quanto à exigência de diploma em Jornalismo para o exercício da profissão, e verificar as rotinas produtivas desses profissionais.

Seguindo essa linha, a realização do presente trabalho se justifica por adotar uma abordagem regional quanto ao campo em que o jornalista está inserido, investigando os aspectos positivos e os negativos referentes à profissão no estado do Amapá.

Esta pesquisa torna-se relevante, também, por conta da escassez de trabalhos dessa natureza, que mostram o perfil contemporâneo do jornalista de uma maneira aprofundada. Por isso, assume importância imprescindível tanto para acadêmicos da área de Jornalismo, quanto para jornalistas profissionais e sociedade em geral, haja vista a importância dos jornalistas no contexto social.

Quanto à metodologia do estudo, foram realizadas pesquisas, divididas em duas etapas: uma de caráter quantitativo e, sucessivamente, outra de natureza qualitativa. Por meio da primeira etapa, buscou-se desenvolver um estudo a respeito do perfil desses profissionais, trabalhando características demográficas, formação acadêmica, mercado de trabalho e opinião a respeito da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. Já a abordagem de fase qualitativa e, especificamente, com a realização de entrevista semiestruturada, teve o intuito de verificar a atuação dos jornalistas na sua área de atuação, fatores que levaram o

indivíduo pesquisado a escolher a profissão, visão sobre a questão salarial, além de considerações a respeito da importância da profissão.

A monografia está estruturada da seguinte maneira: além desta breve introdução, possui outras divisões. No referencial teórico-metodológico apresenta-se a revisão bibliográfica, discorrendo sobre o Jornalismo e sua função social, aspectos históricos sobre a profissão de jornalista no Brasil, estudos sobre o perfil do jornalista no Brasil e uma breve apresentação sobre Jornalismo no Amapá. A proposta é abordar percepções dos autores que tratem a respeito dos temas, destacando citações como de: Travancas, Traquina, Christofolletti, Gradim, Marcondes, Mick e outros que são referências. Além disso, dentro desse mesmo item é trabalhado o referencial metodológico, expondo os métodos e técnicas de pesquisa empregadas.

Em seguida, apresenta-se o público-alvo de cada etapa da pesquisa. Abordam-se, ainda, os procedimentos realizados na pesquisa em suas duas etapas, realizando a apresentação, discussão e análise dos dados da fase quantitativa, além da discussão e análise das informações da fase qualitativa, retomando pensamentos de alguns autores estudados no referencial teórico.

Finalizando o presente trabalho, tem-se a apresentação das considerações finais, uma síntese dos resultados e uma breve abordagem sobre o alcance dos objetivos propostos. Após a conclusão desta pesquisa, espera-se que as informações obtidas possam contribuir para aprimorar estudos referentes à área do Jornalismo, além de auxiliar novos profissionais que pretendam trabalhar na área ou pesquisadores com foco em novos estudos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 Referencial teórico

2.1.1 O Jornalismo e sua função social

O Jornalismo tem importância social ampla no sentido de informar a população a respeito de assuntos que são de interesse público. A atividade vai da apuração à transmissão de fatos de maneira que todos compreendam a linguagem. Cabe ao profissional atuar de maneira correta, com conhecimento correlacionado às ciências humanas, obtendo suporte para compreender a realidade em que está inserido.

Isabel Travancas, em sua obra “O mundo dos jornalistas”, trata o papel desses profissionais da comunicação e afirma:

Discutindo o papel do jornalista, saliento que ele tem uma função importante em termos da construção da cidadania, uma vez que é responsável pela transmissão de informações, e a ideia de cidadania está subordinada à informação. Não há cidadão sem conhecimento, é este que torna o indivíduo um cidadão, na medida em que as informações lhe possibilitam escolhas, avaliações e participação na sociedade. Sem isso a atuação ficaria restrita ou seria inexistente. (TRAVANCAS, 2011, p.106).

Nesse sentido, a função social do jornalista é a de ser um fiscal do poder público, investigando interesses sociais que de algum modo poderão beneficiar a população de um local noticiado. Os pesquisadores Fonseca e Kuhn (2009) afirmam que a missão é a de investigar detalhadamente e apontar quais seriam os deslizos dos que estão sendo noticiados para, posteriormente, mostrar para a sociedade a fim de denunciar os fatos de maneira imparcial, não expressando sua opinião.

Para Pereira (2005), o jornalista é visto pela sociedade como portador de informações verídicas e a população sempre o admirou, tanto na literatura como no cinema. No entanto, o que acontece é que a sociedade incorporou a ideia de que o profissional é como um herói e, com isso, acabou esquecendo como é complexo produzir notícias.

Dentro desta concepção, podemos dizer que, frente a inúmeras transformações da sociedade, a atividade jornalística é caracterizada pela disseminação de informações no formato de notícias e isso contribui para que a sociedade absorva as informações e possa formar sua opinião a respeito dos assuntos relatados nos meios de comunicação. Na obra “Teoria e Crítica do Discurso Noticioso”, Correia (2009) afirma que:

Os jornalistas são socializados nas atitudes sociais e nas normas profissionais e cobrem, selecionam temas identificados como interessantes ou importantes. As notícias seriam um espelho das suas preocupações e interesses. As definições de

notícias permanecem dependentes da estrutura social, e não das atividades dos jornalistas ou das organizações jornalísticas. (CORREIA, 2009, p.10).

No que diz respeito ao processo de selecionar fatos para transformá-los em notícias, o jornalista tem papel crucial, investigando o que deve ou não ser do conhecimento do público, fazendo isso por meio da sensibilidade de saber se um fato pode ou não ser considerado notícia. Esse levantamento das informações para que haja exatidão dos fatos faz parte da rotina de quem tem o papel de informar a sociedade, já a escolha das notícias é realizada de acordo com os “critérios de noticiabilidade”. Traquina (2005) define assim:

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor notícia”. (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Silva (2005) destaca que os espaços nos veículos de comunicação são pequenos, quando observados frente aos acontecimentos da sociedade, havendo, assim, a necessidade de seleção prévia do que pode ser repassado. Por esse motivo, existem os critérios de noticiabilidade, ferramenta essencial para o jornalista realizar a seleção prévia do que deve ser transmitido pelos veículos de comunicação, de interesse da sociedade, tornando-se notícias. Analisando a rotina de trabalho desse profissional, Kovach e Rosenstiel (2003) apontam que os jornalistas possuem excesso de confiança nas fontes oficiais e que isso pode resultar em obtenção de informações incorretas. A falta de consulta a outras fontes, de acordo com os autores, prejudica a qualidade do trabalho do jornalista e resulta na falta de responsabilidade social do profissional. Assim, Kovach e Rosenstiel (2003, p.130) alertam para que o jornalista “não confie em relatos ou informações oficiais. Chegue o mais perto que puder das fontes básicas. Seja sistemático. Corrobore”.

Em vista da produção de conteúdos e da atuação do profissional, o trabalho dos jornalistas deve ser baseado em regras e condutas, que podem ser encontradas no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), que assume um papel fundamental no sentido de trazer quais são as responsabilidades e os deveres frente à profissão, como podemos citar com a transcrição de alguns trechos do seu Art. 2º:

I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público;

III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão (FENAJ, 2007, p. 1).

Por meio do Código de Ética, há o conhecimento por quais paradigmas o jornalista pode passar e como ele deverá agir. Gradim (2000) enfatiza que tudo que o jornalista fará em sua profissão é baseado nesse código deontológico, que dispõe de princípios éticos que norteiam a atividade, sendo, desse modo, imprescindível para um bom conhecimento das atividades dos jornalistas.

Para Christofolletti (2008), a conduta ética do profissional deve ser mostrada na cobertura dos fatos, uma vez que eles repassam o que é de interesse da sociedade, devendo, por esse motivo, agir com dedicação. De acordo com o autor, o jornalismo seria “trabalho duro, responsável e imprescindível para o desenvolvimento das sociedades” (Christofolletti, 2008, p.12).

Travancas (2011) considera que o jornalista é o responsável pela produção de seus conteúdos e, desse modo, o que for divulgado deve ser pautado na veracidade, devendo haver conhecimentos relacionados à ética, posicionando-se de modo a ajudar a população a melhorar diante de situações que vivenciam, e não devendo se utilizar da atividade jornalística para bem próprio.

Sustentando essas argumentações, Kovach e Rosenstiel (2003), em uma pesquisa que abrangeu jornalistas e cidadãos norte-americanos, trouxeram questões julgadas como finalidade do jornalismo, e uma delas é: “Fornecer informação às pessoas para que estas sejam livres e capazes de se autogovernar” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p.31). Nesse sentido, o Jornalismo é uma ferramenta pela qual a sociedade pode aderir a valores, informações e questões sociais que levarão o indivíduo a ter vínculos com a realidade, e isso fará parte do processo de construção da opinião pública, dando subsídios para que cada um possa captar novas informações para possíveis discussões sociais.

De forma geral, o jornalismo, segundo Traquina (2005), está relacionado com as práticas da democracia, e sua atuação é considerada como um quarto poder, exercendo influência em relação à sociedade, estando ao lado das esferas do Legislativo, Executivo e Judiciário. A atividade, segundo o autor, propicia o pensamento crítico, tornando-se o jornalista, um porta voz social, a fim de dar voz a todos.

Para levar o bem-estar à sociedade, no campo jornalístico, a responsabilidade social é ação fundamental no desenvolvimento dos objetivos que envolvem a profissão. Christofolletti (2008) coloca que, na rotina do profissional, existem pequenas e grandes oportunidades de se

corromper. No entanto, mantendo-se firme no profissionalismo e na função social, as atividades serão feitas de maneira correta.

Nessa perspectiva, Christofeletti (2008) ressalta que, para se obter qualidade jornalística, é indispensável trabalhar seguindo a ética profissional, pois o trabalho do indivíduo será pautado misturando “conduta ética com a própria qualidade técnica de produção do trabalho” (2008, p. 11). O autor também aponta caminhos que farão com que o jornalismo seja feito de maneira correta:

Esse percurso exige disciplina, vontade de acertar, consciência do papel social que a profissão encerra, convicção moral e uma certa blindagem contra deslumbramentos e arrogâncias. A profissão oferece uma farta quantidade de oportunidades de cair na tentação e se desviar do caminho. Resistir é preciso, mas nada fácil. No jornalismo, como em outras atividades, é necessário buscar uma forma de combinar fazer bem com fazer o bem. Vincular técnica e ética (CHRISTOFELETTI, 2008, p. 46).

Ambos os autores estabelecem a função social que a profissão exerce o que é aplicado diariamente na vida da população. Quando existe a necessidade de uma pessoa se informar sobre o que está acontecendo na cidade ou no país, ela consulta as notícias para esse fim. Nesse sentido, o trabalho que o jornalista desempenha é muito importante no que se refere a apurar e transmitir para a sociedade fatos sem que cheguem de modo diferente para os receptores, devendo atuar deixando sua própria ideologia de lado, para não transparecer sua visão sobre o fato noticiado. Sobre isso, Traquina coloca:

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento de suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também dos donos das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria, e ignorando a existência dos ideais mais nobres do jornalismo, que favorecem uma manta de legitimidade ao negócio (TRAQUINA, 2005, p.208).

Seguindo essa linha, frente ao mercado em constante transformação, o jornalista precisa ser muito mais do que um especialista. Seu desafio é tornar-se um profissional com capacidade de selecionar, pesquisar e transmitir informações, fazendo com que o veículo para o qual trabalha cumpra o seu dever de informar os leitores.

Alguns pesquisadores trabalham a ideia de que, para o jornalista, a qualidade importa bem menos que o lucro. O que acontece é que tem ficado para trás o que foi colocado na teoria da responsabilidade social, e o profissional está cada vez mais ligado ao jornalismo de mercado, com a transformação das notícias em produto. “É inegável o impacto que a mercantilização da imprensa tem sobre o exercício profissional. Com o jornalismo de

mercado a crença numa missão jornalística entra em conflito com a lógica empresarial” (PEREIRA, 2004, p. 13).

A perspectiva aqui, não é criar divergências, e, sim, mostrar como o mundo em que os profissionais atuam tem passado por mudanças, troca de interesses, desejo de obter benefícios em troca de divulgar ou não uma informação. Na sociologia, Weber (1991) discorre sobre essa visão e seu pensamento pode ser aplicado na reflexão sobre a atuação dos jornalistas. Segundo o pensador, dentro da sociedade, o indivíduo, através de suas ações, é quem constrói o campo no qual ele está inserido, uma vez que ele é capaz de fazer suas escolhas, por ser dotado de capacidade de pensar e analisar suas ações.

Trazendo a visão de Weber (1991) para a atuação dos jornalistas, é fundamental que o profissional reconheça qual seria sua função dentro do papel de mediador, a fim de mostrar para a sociedade o que está acontecendo, sem expor sua opinião a respeito de um determinado fato.

Segundo Gradim (2000), o jornalista não pode permitir que a carga emocional e dificuldades enfrentadas apareçam quando é realizado o repasse da notícia para o veículo no qual trabalha. Estritamente, o profissional tem papel fundamental na sociedade, que é levar ao público informação da maneira exatamente como o fato aconteceu, evitando induzir esse público a conclusões já determinadas. O que se espera é que esse espectador, a partir de sua própria observação, entenda como o fato ocorreu. “O jornalista pode é, por vezes, informar os seus leitores das condições de produção da notícia, como lhe foi vedado o acesso a certas áreas ou fontes” (GRADIM, 2000, p. 30).

No que se refere ao papel dos jornalistas, Gradim considera que:

[...] o exercício da profissão prende-se com a capacidade de resistir a misturar fatos com opiniões e, de alguma forma, manipular os leitores induzindo-os a retirarem determinado tipo de conclusões. As opiniões do jornalista são certamente muito importantes para a namorada, o cão, os vizinhos e o seu círculo de amigos – serão até muito importantes em termos absolutos - mas ele não tem o direito de se servir do medium onde trabalha para tentar influenciar o público que espera dele seriedade, rigor e isenção. Misturar fatos com opinião, aparência de rigor com manipulação, devem ser consideradas faltas profissionais muito graves (GRADIM, 2000, p. 33).

Traquina (2005) já colocava suas conclusões a respeito do trabalho dos jornalistas, afirmando que os profissionais não são apenas trabalhadores contratados para determinada imprensa, mas compõem um grupo profissional, e vivenciaram séculos de luta e empenho na sua profissionalização com o objetivo de conquistar cada vez mais independência e melhores condições sociais.

Entretanto, das várias definições de responsabilidade social em que os jornalistas estão inseridos, existe a necessidade de seguir estratégias que irão ao encontro de sua atuação. Gradim (2000) argumenta que, para o desempenho de maneira correta de suas atividades, o profissional deve seguir regras, tal como ouvir argumentos sobre seu desempenho, analisar se serão construtivos, e, se for o caso, colocá-los em prática. Porém, de maneira nenhuma, o jornalista deve ceder a pressões e desviar-se de seu papel social.

Kovach e Rosenstiel (2003) alertam que deve haver verdade no jornalismo, baseado na apuração e verificação dos fatos. Isso é o que torna o jornalismo diferente de outras profissões que englobam a comunicação, como propaganda, literatura ou arte, por exemplo. Os autores defendem que “só o jornalismo se concentra primeiro em registrar direito o que aconteceu” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 113). A profissão é vista como forma de fornecer à sociedade informações exatas, contextualizando os fatos, no sentido de obter “uma verdade prática e funcional, não absoluta, no sentido filosófico” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 68).

Traquina (2008) pondera que a profissão exige dedicação total, uma vez que a vida de outras pessoas está envolvida. Para ele, não há jornalismo sem o processo de apuração das informações. Desse modo, o jornalista, apesar da dificuldade de reconhecimento enquanto profissional, historicamente é visto como instrumento na busca de melhoria para a sociedade, e seu trabalho exige comprometimento para assumir a responsabilidade que lhe é dada.

Traquina (2008) ainda argumenta que vem da cultura do profissional se expor a longas jornadas de trabalho, abdicando de sua vida pessoal e enfrentando os riscos que a profissão apresenta, atuando no sentido de seguir seu papel social. E são os praticantes do ofício que exigem de si, dedicação total por considerarem que o jornalismo não seria uma ocupação, seria um trabalho inerente à sua vida, se preparando diariamente para desempenhá-lo da melhor maneira possível. Frente a isso, a produção jornalística é um serviço que oferece ao público oportunidade de conhecer a realidade, seja ela boa ou ruim. Christofolletti (2008) propõe que os jornalistas façam análise dos meios de comunicação como se eles fossem extensão dos corpos. Na concepção do autor, as lentes das câmeras seriam os olhos; os gravadores e microfones, os ouvidos. Por isso, é necessário conhecer os recursos obtidos para a transmissão das notícias, uma vez que, para o autor, a realização das atividades de maneira correta conta com o apoio da tecnologia.

A sociedade, frente aos meios de comunicação, observa nos jornalistas a responsabilidade de repassar a realidade social, como se “consciente ou inconscientemente,

fosse firmado um pacto de confiança com a mídia e o jornalismo fosse visto como uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que se entende por realidade” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 28).

Dentro da discussão sobre a função social dos jornalistas, Gomes (2009), a partir de discursos sobre a importância da atuação, destaca que o jornalismo é uma instituição fundamental para o desenvolvimento da sociedade em geral e que, assim, quem realiza as atividades inerentes à profissão deve ser tratado com respeito e proteção pelos cidadãos.

Apesar da importância da profissão, Koshiyama (2008) salienta que os perfis morais dos profissionais são diferentes, alguns são para o bem, outros para o mal. Na visão do autor, a profissão confunde os espectadores, pois carrega consigo uma tradição de negócios, que é constantemente ligada à busca de benefícios políticos.

Nessa lógica, a função social que o profissional apresenta está em conflito com os interesses mercadológicos inerentes à profissão. As empresas precisam preocupar-se em manter seus interesses públicos, mas sem deixar de lado seus interesses financeiros. Nesse sentido, o jornalista se apresenta como sendo um mediador a fim de equacionar essas divergências. Para Bucci, “ao jornalismo cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um negócio, a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam uma boa reportagem” (BUCCI, 2000, p. 30).

2.1.2 Aspectos históricos sobre a profissão de Jornalista no Brasil

O jornalista no Brasil esteve durante muito tempo associado à política. Por meio da profissão, via-se a oportunidade de adquirir posição de destaque na política ou na literatura. Para Ribeiro (2003), no período imperial, foi predominante a publicação de textos partidários para defender bandeiras políticas e, nessa época, os próprios jornalistas eram políticos.

Para Marcondes (2000), o Jornalismo brasileiro tem sua primeira fase no período correspondente de 1789 a 1830, onde havia jornalistas que não eram profissionais trabalhando em prol de pequenos grupos políticos. O autor realiza um estudo semelhante ao de Ribeiro (2003) e afirma que, no período referido, não havia empresas de comunicação voltadas a obter lucros, e os próprios jornalistas eram os políticos. Nesse meio, os jornais serviam para propagar para a população o pensamento desses profissionais.

Como aponta Guimarães (2006), a profissão de jornalista no Brasil sempre foi relacionada a uma atividade exercida por intelectuais, e foi somente em 1969 que passou a haver a exigência legal do diploma de nível superior na área. O percurso em busca de conquistas em meio a sua profissão fez com que a categoria passasse por diversos paradigmas frente ao desenvolvimento de suas atividades, e foi somente em 1938 que aconteceu a regulamentação do primeiro dispositivo normativo para a categoria, o Decreto Lei 910, de 1938, assinado por Getúlio Vargas, que dava proteção ao trabalhador, definindo ao jornalista a duração de suas atividades e as condições de trabalho.

Já em 1943, de acordo com Guimarães (2006), houve a instauração do Decreto Lei 5.480, que instituiu o primeiro curso de Jornalismo no ensino superior do país. No entanto, apesar de a lei permitir que houvesse a criação da graduação na área, o primeiro curso só passou a ser disponibilizado em 1947, pela Faculdade Cásper Líbero, instituição particular, localizada em São Paulo. Anterior à criação de curso superior, em 1944, foi Getúlio Vargas que criou o Decreto-Lei 7.037, que tratava da profissionalização do jornalista no Brasil, estabelecendo que deveria haver remuneração mínima para o exercício da profissão e que as funções deveriam ser previamente estipuladas.

Guimarães (2006) coloca, ainda, que, em 1967, foi implantado outro dispositivo normativo aos jornalistas: a Lei 5.250, ou Lei da Imprensa, que tratava acerca da liberdade de manifestação do pensamento e da informação, do registro profissional, do direito de resposta e de possíveis abusos que viessem a ser cometidos no exercício do Jornalismo.

No país, o desenvolvimento do Jornalismo enquanto profissão teve seu ápice em 1969, por meio do Decreto-Lei 972, que estabelecia a exigência de curso superior para o exercício da profissão. Apesar disso, ainda houve a demora na contratação dos profissionais formados nas redações:

A obrigatoriedade de exibição do diploma superior para ingresso na carreira não alterou de imediato a forma de recrutamento dos profissionais pelas redações, quer pela resistência das empresas em assimilar esse novo perfil, quer pela existência de profissionais graduados em número suficiente (GUIMARÃES, 2006, p. 187).

No exercício de suas atividades, os jornalistas formados enfrentam muitos impasses para o exercício profissional. Em 17 de junho de 2009, o STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu ser inconstitucional exigir diploma para o exercício do Jornalismo e, atualmente, há o exercício da atividade independentemente de registro no Ministério do Trabalho ou de diploma de curso superior na área. Qualquer pessoa que tenha facilidade em escrever pode

trabalhar como jornalista atualmente. Desse modo, fica a cargo das empresas de comunicação decidirem se contratam profissionais com formação superior em Jornalismo ou aqueles sem formação na área.

Consta no site do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que a decisão é baseada no decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista e recomenda que o exercício da profissão deveria ser feito somente com diploma de curso superior na área. Para o STJ, as exigências contidas infligiam à manifestação do pensamento e a liberdade de expressão.

Entretanto, apesar da problemática enfrentada frente à não obrigatoriedade do diploma, o jornalista passou por processos contínuos em buscas de conquistas que legitimassem o papel social designado a eles. Mick (2013) destaca que, apesar dos impasses da profissão, os profissionais não deixaram de buscar sua legitimação social e, entre 1980 e 2010, em média 145 mil registros profissionais de jornalistas foram expedidos no Brasil.

Para Lopes (2013), em qualquer área do conhecimento, uma pessoa diplomada é mais bem vista que aquele indivíduo que não possui diploma. A instituição na qual ele se gradua atribui documento que atesta que a pessoa passou por formação que lhe dará competência para realizar atividades na profissão que escolheu. O autor coloca em questão qual seria o motivo da polêmica em torno da não obrigatoriedade do diploma para o jornalista, sendo que, para as outras categorias profissionais, isso não acontece. Dentro desse estudo, o autor aponta que:

[...] isso sucede porque, em primeiro lugar, a medicina e as engenharias, profissões das áreas de biológicas e exatas respectivamente, estão amplamente ancoradas em uma tradição cientificista que prima pela valorização dos cálculos, dos números, das estatísticas, dos experimentos comprovados sem laboratório. Já o Jornalismo, discursa sobre o cotidiano do mundo e, vivenciado no cotidiano do público, não apresenta essa aura científica. Para grande número de pessoas, é difícil enxergar o Jornalismo como uma ciência, porque ele, ainda que trate de temas científicos ou de fatos distantes, está perto das pessoas e promove um jeito aparentemente simples de aproximação com a realidade (LOPES, 2013, p.13).

Apesar disso, Melo (1998) consegue caracterizar o Jornalismo como ciência, pois, segundo ele, trata questões da atualidade. Nesse segmento, seria “ciência que estuda o processo de transmissão oportuna de informações da atualidade, através dos veículos de difusão coletiva” (MELO, 1998, p. 74). Já Traquina (2008), afirma que a profissionalização da atividade jornalística faz com que o indivíduo adquira valores e elementos que fornecem maneira de saber lidar com diversos assuntos para realizar a produção da informação.

2.1.3 Estudos sobre o perfil do jornalista no Brasil

Estudos recentes trabalham o perfil do profissional, colocando que surgiram mudanças, isso devido a transformações estruturais no jornalismo e no processo de produção das notícias. Com a inserção das novas tecnologias no mundo, como computadores e internet, ocorreu a mudança no trabalho desses profissionais, uma vez que eles precisaram se adaptar à informatização.

Herscovitz (2010) trabalhou o perfil dos jornalistas brasileiros, a pesquisadora enviou convite para mil jornalistas participarem do levantamento, e obteve 624 respondentes. Os envios foram para diversos veículos de comunicação, como jornais, revistas, emissoras de televisão e rádio, portais de notícias e assessorias de imprensa, o que possibilitou a obtenção de resultados sólidos, sem que determinado setor de comunicação ficasse esquecido.

O perfil obtido na pesquisa de Herscovitz (2010) foi a participação equilibrada tanto de homens, como de mulheres. Desse modo, não foi possível concluir qual dos gêneros predomina na área do jornalismo, mas foi possível conhecer que: a maioria trabalha em jornais, isso equivale a 40% das respostas; já 12% atua em assessorias privadas; outros 12% em televisão; 11% em publicações online; 8% em revistas; 6,4% em assessorias de comunicação de empresas públicas; 2,4% em agências de notícias, e 1,6 % em rádio. Desse total, a maioria, 27%, trabalha como repórter; já 23,6% se encaixam na opção “outros”, o que atrelou os âncoras, produtores de notícias e correspondentes estrangeiros.

Figaro (2013) discutiu o trabalho dos jornalistas de São Paulo tendo como base sua pesquisa realizada entre 2009 e 2012. A discussão abrangeu os associados ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo que atuam em diferentes mídias. Em média, foram enviados 3.278 questionários e 538 respondidos foram consolidados, o que abrangeu quatro grupos de profissionais: o grupo A, com os jornalistas captados por redes sociais na fase de pré-teste, o grupo B, com os profissionais do Sindicato dos Jornalistas do Estado de SP, o grupo C, que trabalha para empresa editorial, e o grupo D, com os jornalistas *freelancers*¹. Os resultados mostram que, no estado, os grupos captados trabalham de 8 a 12 horas por dia e ganham predominantemente entre dois e seis mil Reais por mês.

¹ O trabalho freelancer é comum entre os jornalistas brasileiros. Ele é marcado pela falta de contrato formal entre empregado e empregador. Não garante direitos trabalhistas, indenização em caso de acidente, férias, 13º salário e outros benefícios.

Com essa mesma concepção, Lima (2009) coloca que, com a inserção das novas tecnologias, o mundo do trabalho dos profissionais evoluiu, e as mudanças que até então estavam devagar, passaram a ocorrer radicalmente, mexendo não só na rotina dos jornalistas, mas, também, no modo de produção.

Ainda de acordo com Lima (2009), no que se refere à mudança no mundo do trabalho dos jornalistas, foi durante o século XX, com demandas de novas tecnologias, que se intensificou esse processo. Nesse período, o profissional passou a exercer multifunções, atuando em várias mídias ao mesmo tempo, realizando tarefas antes atribuídas a repórteres, redatores, fotógrafos ou cinegrafistas.

O estudo de Fonseca e Kuhn (2009) mostra que o jornalista contemporâneo está diante de exigências para desenvolver suas atividades, aproveitando o máximo de tempo que possui, isso seria resultado da busca por renda comercial. Na atualidade, o trabalho desenvolvido por eles não é mais pautado nas divisões de tarefas, como era no modelo fordista. Agora o jornalista brasileiro vive o pós-fordismo², com acúmulo de funções, acaba sendo ao mesmo tempo um pauteiro, repórter, redator, diagramador e a pessoa responsável por redigir o texto final.

Nesse contexto, Fonseca e Souza (2006), consideram que o jornalista acaba tendo que possuir mais habilidades para o desempenho nas atividades designadas, a inserção de novas tecnologias o ajuda a atuar. No entanto, na lógica do mercado, isso significa “automatização de tarefas, tornando-as mais ágeis e rápidas, de forma a permitir que, no mesmo período de trabalho, um mesmo profissional assuma outras atribuições”. (FONSECA e SOUZA, 2006, p. 5).

Fonseca e Kuhn (2009) destacam ainda que, agora não seria apenas escrever para jornal impresso, as outras plataformas de comunicação também precisavam ser abastecidas com informações, como a televisão, o rádio e os veículos da internet.

A reflexão em torno da temática mostra que para Pereira e Adghirni (2011), a profissão está passando por mudanças, que estão relacionadas à redução de locais de trabalhos tradicionais do jornalismo e o aumento da carga horária no desenvolvimento de suas atividades. Nesse cenário, as redações brasileiras estão sendo reformuladas, havendo a troca de jornalistas empregados por meio de contratos trabalhistas, por trabalhadores informais ou

² O pós-fordismo é o regime que surgiu a partir da década de 70, configurando o neoliberalismo. No pós-fordismo, prevalece o conceito de flexibilidade, eliminação de funções e acúmulo de tarefas, tem o surgimento da figura do trabalhador temporário entre outras características. (FONSECA, 2008).

freelancers. Como resultado destes processos, está havendo a substituição de jornalistas há mais tempo no campo de atuação por aqueles mais jovens. Conforme isso, Pereira e Adghirni (2011) colocam quais seriam os motivos:

O recém-formado é maleável e se adapta mais facilmente às normas político-editoriais e a salários mais baixos. A prática de realização de cursos de treinamento pelas próprias empresas ganha força agora que o diploma de jornalista não é mais obrigatório para o exercício profissional. Cada empresa é livre para impregnar suas matrizes ideológicas nos jovens em formação. Mais jovens e inseguros quanto ao emprego, os jornalistas tendem a relativizar os padrões impostos pelos códigos deontológicos e o pensamento crítico – resultado da formação universitária – em nome dos valores do mercado (PEREIRA e ADGHIRNI, 2011, p. 48).

Heloani (2003), em sua pesquisa de pós-doutorado intitulada “Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista”, revelou que os jovens recém-formados estão cada vez com mais vontade de se inserir no mercado de trabalho e acabam aceitando qualquer condição para exercer as atividades, o que acaba resultando na intensificação do ritmo de trabalho, o que prejudica a qualidade de vida dos jornalistas. Esse estudo mostra a mesma questão colocada por Pereira e Adghirni (2011), resultando na preocupação com a prática jornalística.

Neste caminho, Travancas (2011) realizou um estudo antropológico, participando da rotina dos veículos de comunicação, como rádios, televisão e jornais impressos, e entrevistou jornalistas que trabalham há bastante tempo na área e os que recentemente começavam a atuar. Na abordagem, Travancas (2011) objetivava conhecer quem eram e o que pensavam sobre sua profissão e concluiu que estava havendo a inserção de jovens nas atividades jornalísticas, e isso seria resultado da busca pela primeira oportunidade de emprego. A atuação deles era feita em rotinas pesadas e com uso de equipamentos pessoais, como telefone para agendar entrevistas e computador para redigir as notícias.

Na sua abordagem, Travancas (2011) ainda concluiu que a maioria possui paixão por sua profissão e, apesar dos problemas enfrentados, diz não querer outro emprego que não seja em jornalismo. A profissão não seria simplesmente uma fonte de sustento para seus profissionais, “atingiu um patamar tal na vida dessas pessoas que elas não se veem mais na sociedade senão pelo papel profissional. Ele se tornou o papel principal entre os vários desempenhados diariamente” (TRAVANCAS, 2011, p. 141).

Pereira e Adghirni (2011) concluíram que existem muitas transformações no mundo social dos jornalistas, algumas ligadas à identidade e outras a mudanças de décadas, e

atualmente o jornalismo estaria atrelado a competências técnicas, e não ao romantismo que era empenhado no desenvolvimento da profissão em décadas anteriores.

No que tange à lei trabalhista no âmbito da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), a jornada de trabalho de um jornalista profissional que esteja atuando na área é de cinco horas diárias. No entanto, pode ser elevada para sete horas, assim, é profícua a transcrição do artigo 303 e 304 da referida lei:

Art. 303. A duração normal do trabalho dos empregados compreendidos nesta Seção não deverá exceder de 5 (cinco) horas, tanto de dia como à noite. Art. 304. Poderá a duração normal do trabalho ser elevada a 7 (sete) horas, mediante acordo escrito, em que se estipule aumento de ordenado, correspondente ao excesso do tempo de trabalho, em que se fixe um intervalo destinado a repouso ou a refeição (CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO, LEI Nº 5.452/1943).

No entanto, muitas empresas não cumprem o estabelecido, submetendo o profissional a permanecer por mais tempo exercendo suas funções. “Trabalham entre 8 e 12 horas diárias 40,3% e acima de 12 horas 4,8%. Portanto, 45,1 % da categoria trabalham mais que 40 horas semanais em funções jornalísticas” (MICK, 2013, p. 46).

Coerente a isso, Fonseca e Kuhn (2009) afirmam que os profissionais enfrentam circunstâncias relacionadas ao trabalho, como altas jornadas e que, apesar da legislação estipular jornada diária de cinco horas, muitos cumprem tempo a mais.

Mick (2013) é coordenador do levantamento mais atual e consistente sobre o perfil do jornalista brasileiro, no qual foram ouvidos 2.731 profissionais, que responderam a questões sobre perfil, características demográficas, políticas e de seu trabalho jornalístico em 2012. Como um dos resultados obtidos, observou-se que as redações estavam ocupadas em maioria por jornalistas jovens. Em média, 59% dos jornalistas empregados tinham até 30 anos, 21,9% dos profissionais estavam entre 31 e 40 anos, e, na medida em que a idade vai aumentando, os percentuais decrescem. Comprovando isso, os dados mostram que apenas 7,6% dos jornalistas participantes da pesquisa estavam empregados em regime de CLT e possuíam mais de 51 anos.

Em relação à área de atuação, a pesquisa de Mick (2013) aponta que 54,5% dos jornalistas estavam atuando na mídia, ou seja, em veículos de comunicação, como jornais diários, revistas, telejornal ou radiojornais ou em mídias que usavam a internet; 5,2% atuavam na docência, e 40% estavam fora da mídia, nas atividades denominadas de extrarredações. Os

que atuavam nos impressos, correspondiam a 64%, os da internet somavam 45%, 20% estavam em outras mídias e 33% em veículos como TV e rádio.

Os dados da pesquisa de Mick (2013) sobre o perfil do profissional no Brasil revelam, ainda, que 98,1% dos jornalistas possuem formação superior, apenas 1,5% tem somente ensino médio. Desses, obtiveram a formação específica em jornalismo 91,7% dos graduados, o que vem mostrando ainda mais a presença de pessoas interessadas na área, apesar de não haver a necessidade de diploma para atuar.

A Federação Nacional dos jornalistas (FENAJ) defende a idéia de que, para atuar como jornalista, existe a necessidade de formação. Por meio de seu site, tem feito campanhas a fim de conscientizar sobre a obrigatoriedade de formação universitária específica para o exercício da profissão. Como forma de trabalhar esse assunto, em 2002, foi elaborada a obra intitulada “Formação Superior em Jornalismo, uma exigência que interessa a sociedade”, onde a federação avalia que:

[...] num curso de Jornalismo, é possível tratar de aspectos essenciais às sociedades contemporâneas e com a complexidade tecnológica que os envolve, incluindo procedimentos éticos específicos adequados do método lícito para obter informação à manipulação da imagem fotográfica, do sigilo da fonte ao conflito entre privacidade e interesse público, por exemplo. É na escola que há laboratórios de telejornalismo, radiojornalismo, fotojornalismo, planejamento gráfico, jornal, revista, webjornalismo e outros [...] é a formação que também permite o debate e novas experiências (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2002, p.34).

A Federação Nacional dos jornalistas (2002) considera, ainda, que o jornalismo deve ser feito como prática social realizada de modo especializado e para tanto, faz-se necessário à obtenção de diploma universitário. A entidade prevê que o desenvolvimento de publicações jornalísticas a nível elevado está densamente ligada ao conhecimento e domínio teóricos de notícia, reportagem, editorial, ética, apuração, diagramação e outras questões referentes à área.

Partindo para análise de como está o perfil do profissional na contemporaneidade, a referida pesquisa de Mick (2013) aponta que existe predominantemente mulheres atuando no jornalismo: elas eram consideradas jovens e de cor branca, eram em média 63,7 % de mulheres e apenas 36,3% de homens. Apesar do gênero ser a maioria na sua área, existe diferença salarial se comparada aos homens: “As mulheres são percentual maior em todas as faixas de renda até 5 mínimos. Os homens são maioria em todas as faixas superior a 5

mínimos. Apenas 31,9% das mulheres têm salários superiores a 5 mínimos, 14 pontos a menos que os homens” (MICK, 2013, p. 47).

A pesquisa de Herscovitz (2010) mostra que elas são a maioria nas assessorias de imprensa, emissoras de TV e revistas. Em contrapartida, observou-se que os homens estão mais nas emissoras de rádio e em jornais diários. Quando questionados se estão satisfeitos com a profissão, 43%, entre homens e mulheres afirmam que sim. Já os que dizem estar insatisfeitos são profissionais que estão trabalhando em revistas e os outros por conta própria. Nessa pesquisa, somente 10.5% se declaram totalmente insatisfeitos com a profissão que escolheram para trabalhar.

Como resultado da insatisfação ou satisfação profissional, Herscovitz (2010) aponta que isso está atrelado à não obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, ao salário pago, ao cumprimento da carga horária no exercício das atividades, à possibilidade de ascender profissionalmente e à linha editorial da empresa para a qual trabalha.

Apesar das tensões, o exercício do jornalismo assume um lugar crucial na sociedade, sobretudo, no sentido de oferecer ao público informações sobre a realidade em que se vive, trabalhando dentro de critérios como investigação e credibilidade. Fonseca (2009), por sua vez, afirma que o jornalista no contexto atual precisa apresentar conhecimentos relacionados a várias vertentes da atuação, sendo capaz de agir sob o aspecto da multifuncionalidade dentro de um jornal ou empresa de comunicação.

Traquina (2005) analisa o crescimento dos cursos universitários nos Estados Unidos, afirmando que os cursos de jornalismo não pararam de crescer em quantidade e número: entre 1971 e 1982, a quantidade dos inscritos no curso triplicou de 36.697 em 1971 para 91.016 em 1982. No que se refere ao Brasil, em 2009, por exemplo, estimava-se que existiam 300³ cursos superiores de jornalismo em universidades e outras instituições particulares de ensino superior, número que aumentou para 399 até fevereiro de 2016.

Para Bucci, os maiores problemas enfrentados pela imprensa brasileira são devido a interesses das empresas de comunicação, que “ultrapassam os domínios de uma redação e nada têm a ver com os interesses legítimos de seus telespectadores, leitores, ouvintes” (BUCCI, 2000, p. 32). Nesse sentido, entra o dilema de como fazer um jornalismo com responsabilidade e atender aos interesses da população.

³ Dados extraídos das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo – Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (2009).

2.1.4 Jornalismo no Amapá

A história do Jornalismo no Amapá aponta para 1895, com o lançamento do primeiro jornal denominado “Pinsônia”, fundado por Francisco de Mendonça Junior, que circulou apenas por três anos. Entretanto, o Amapá teve seu primeiro curso superior na área instituído em 2001, pela Faculdade SEAMA, que hoje é denominada Estácio Macapá. A referida instituição oferta o curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Quando não havia instituições de ensino na região, havia a entrada de profissionais formados de outros estados, ou daqueles que não tinham nenhuma formação e atuavam conforme iam praticando a atividade em determinado veículo de comunicação.

Já em 2011, o estado recebeu o curso superior de Jornalismo por meio de uma instituição federal, denominada Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, com graduação durando oito semestres, com carga horária total de 3.600 horas. Em 15 de maio de 2015, a universidade formou a turma inicial e cinco alunos receberam seus diplomas como bacharéis em Jornalismo.

Scheibe e Augusto⁴ (2013) relatam que, conforme artigos do pesquisador da área de comunicação amapaense, Edgar Rodrigues, o Correio de Macapá é considerado o segundo jornal da história da imprensa macapaense, e foi fundado em 1915, pelo coronel Jovino Dinoá, que deu o nome a uma importante avenida da cidade de Macapá, capital do estado.

2.2 Referencial metodológico

2.2.1 Métodos e técnicas de pesquisa empregados

A pesquisa científica é fundamental para obtenção de instrumentos necessários para a construção de um trabalho acadêmico. O conhecimento dos métodos a serem empregados, de acordo com Severino (2000), contribui para o crescimento e o desenvolvimento das pessoas frente aos problemas científicos da educação universitária. No estudo, os mecanismos operacionais, sejam eles técnicos ou lógicos, fazem com que os estudantes se aprofundem na

⁴ AUGUSTO, Isabel Regina; SCHEIBE, Roberta. Por uma conversão do olhar: Desbravações epistemológicas no Amapá. *Jornal da ALCAR* (publicação mensal da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia da UFRGS), RS, ano 2, n. 9, p.3-4, Agosto. 2013.

ciência, o que “afinal, é o objetivo intrínseco do ensino e da aprendizagem universitária” (SEVERINO, 2000, p.18).

No desenvolvimento da pesquisa, Leite (2009) orienta que o conhecimento da abordagem metodológica fornece à comunidade acadêmica instrumentos indispensáveis para que se atinjam os objetivos em qualquer área do conhecimento. Dentro dessa concepção, a metodologia da pesquisa é o ponto essencial para a elaboração de todo o processo da monografia, uma vez que a conhecendo, torna-se fácil entender quais passos serão necessários para obter respostas acerca do tema.

Após reflexões fundamentais acerca da importância de se estabelecer uma metodologia adequada, foram adotados os métodos que deram subsídios para a obtenção da problemática abordada na pesquisa. Os métodos e técnicas serão descritos a seguir, o que dá subsídio para compreender o estudo em questão.

2.2.2 Fase exploratória

Na visão de Gil (2008), pesquisa exploratória consiste em um levantamento bibliográfico, que tem por objetivo proporcionar uma visão geral acerca do tema estudado, dando espaço para elucidação e delimitação do assunto, o que exige revisão da literatura. Nessa perspectiva, a pesquisa exploratória se encaixa no estudo sobre o “Perfil do Jornalista no Estado do Amapá: características demográficas, salário, rotinas produtivas e motivação do profissional no mercado de trabalho”, no sentido de obter contato com pesquisas semelhantes para estudar o perfil profissional do jornalista no país, e fornecer subsídios para que se adquira maturidade em relação ao tema vigente.

2.2.3 Método quantitativo

Com relação ao método quantitativo, Godoy (1995) aponta que, por meio dele, o pesquisador avança em um plano estabelecido, baseado na hipótese formulada, havendo, assim, a quantificação dos resultados de maneira objetiva. A forma de aplicação é baseada na busca de resultados precisos, sendo necessário ficar atento aos dados, evitando distorções na análise e interpretação do resultado.

Na visão de Gil (2008), esse tipo de método desenvolve-se com perguntas fixas, denominadas questionário ou formulário, e apresentam ordem e redação invariável para todos os entrevistados englobados na pesquisa. Seu desenvolvimento possibilita o tratamento quantitativo dos dados, o que, para Gil (2008), é o mais adequado para realização de levantamentos ligados a temas sociais.

Diehl (2004) propõe que o referido método possibilita que o pesquisador faça o tratamento das informações, podendo contar com auxílio de técnicas estatísticas, o que contribui para que no processo de análise não haja distorção na interpretação dos dados, resultando em mais segurança nas informações divulgadas.

Para realização da proposta, Gil (2002) apresenta o questionário como sendo de grande importância quando se pretende realizar a técnica de investigação, levando questões que têm por objetivo o conhecimento de opiniões e situações vivenciadas.

No tocante à aplicação de questionários a serem usados para coleta de dados, o Google Docs (<http://docs.google.com>) disponibiliza uma ferramenta de auxílio a pesquisas, que oferece uma opção para criar formulários para posteriormente serem enviados por e-mail aos participantes. Além disso, tal instrumento norteia a análise estatística dos resultados, fornecendo um resumo tabulado das respostas, o que não significa que o pesquisador não necessite analisar uma a uma as questões ou ainda realizar cruzamento de tais informações.

Com os dados obtidos na fase quantitativa, Marconi e Lakatos (2003, p.165) consideram que a análise das respostas “é tarefa cansativa e toma, quase sempre, mais tempo do que se espera. Exige do pesquisador paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior”.

Sob esse enfoque, as informações estratificadas da pesquisa quantitativa são reunidas para explicar o estudo. Isso foi feito com auxílio de gráficos, tabelas e quadros que ajudarão o leitor na hora de compreender e interpretar os dados. Nessa etapa, Marconi e Lakatos (2003) apresentam a importância que a codificação detém:

[...] auxilia na apresentação dos dados, uma vez que facilita, ao leitor, a compreensão e interpretação rápida da massa de dados, podendo, apenas com uma olhada, apreender importantes detalhes e relações. Todavia seu propósito mais importante é ajudar o investigador na distinção de diferenças, semelhanças e relações, por meio da clareza e destaque que a distribuição lógica e a apresentação gráfica oferecem às classificações. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 169).

Apesar disso, como pondera Gil (2008), os dados proporcionam uma visão estática do estudo, mas não seriam respostas definitivas, uma vez que, apesar de oferecer um espelho

da realidade frente a um problema, não mostra as tendências e nem as possíveis mudanças estruturais. Pertinente a isso, espera-se que a pesquisa sirva de ponto de partida para outras investigações relacionadas ao tema.

2.2.4 Método qualitativo

Flick (2004) propõe que, para que o pesquisador alcance todo acervo de informações pertinentes ao tema estudado, a entrevista semiestruturada trabalha duas questões: as primeiras seriam aquelas ligadas à teoria, sendo dirigidas até as hipóteses a fim de obter respostas precisas. Posteriormente, há o confronto do que foi apresentado, onde o objetivo é reconsiderar o que o entrevistado colocou a fim de tornar mais nítido o que foi vivenciado pelo pesquisado.

Na visão de Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é apoiada nas hipóteses e teorias colocadas na pesquisa e, a partir das respostas dos informantes, novas hipóteses podem surgir no processo, o que dá subsídios para que o pesquisador compreenda o fenômeno estudado em sua totalidade. Conforme a visão do autor, esse tipo de pesquisa engrandece o pesquisar e, ao mesmo tempo, disponibiliza ao pesquisador a liberdade para que se capte dados que tornarão a pesquisa mais completa.

No que se refere ao caminho metodológico da pesquisa, Godoy (1995), aponta que, por meio do método quantitativo, o pesquisador avança em um plano estabelecido, baseado na hipótese formulada, havendo, assim, a quantificação dos resultados de maneira objetiva. A forma de aplicação é baseada na busca de resultados precisos, sendo necessário ficar atento aos dados, evitando distorções na análise e interpretação do resultado.

Nesse sentido, frente a inúmeras técnicas que o pesquisador encontra para sua pesquisa, a entrevista se apresenta como sendo um contato mútuo entre o pesquisador e os pesquisados. Através de perguntas previamente formuladas, são coletadas informações para realizar um estudo, objetivando obter dados que lhe interessam na investigação (Gil, 2008). Existe, porém, a necessidade de que ela seja feita sem que o entrevistado fique intimidado. Vergara (2009) alerta que as entrevistas devem ser realizadas de modo que o pesquisador não transmita seu posicionamento, nem faça com que o indivíduo adote como verdade o que é de seu ponto de vista.

Como já observou Marconi e Lakatos (2003), quanto à importância da entrevista no diagnóstico:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 195).

A abordagem da investigação qualitativa exige um instrumento que sirva para realização do sorteio dos participantes. Dessa forma, a ferramenta denominada “Sorteador”, situada no site <http://sorteador.com.br/> se caracteriza como sendo um programa encontrado na internet para sorteio de números, onde não há interferências do pesquisador no resultado. De acordo com a descrição da ferramenta, a forma utilizada para realização do sorteio consiste em colocar quais são os números participantes e a ferramenta mistura e sorteia esses números.

Seguindo a perspectiva do estudo, a realização da integração entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa fornece subsídios para que haja o cruzamento das informações, resultando na credibilidade dos dados. Para Goldenberg (2004, p. 62), o cruzamento dos dados “não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, aplicar questionários, investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, utilizar fontes documentais e dados estatísticos”.

Para Terence e Escrivão Filho (2006), a pesquisa qualitativa dá oportunidade ao pesquisador de mensurar sobre os participantes, quais as suas opiniões, hábitos, atitudes e reações por meio de uma amostra estatística, o que dá subsídios para posteriormente obter dados gerais dos pesquisados.

Quanto à quantidade selecionada, Bresler (2007) considera que na realização de uma pesquisa qualitativa, não existe a necessidade com a representatividade numérica, o investigador deve se preocupar com o significado dos aspectos vivenciados pelos participantes. Nesse sentido, justifica-se a quantidade selecionada para participar da fase em questão, priorizando-se, conforme estabelece o autor, não a quantidade dos entrevistados, mas a profundidade das pesquisas realizadas.

2.2.5 Técnicas para análise dos dados obtidos

Gil (2002) considera que os dados devem ser sistematizados de forma a responder a proposta apresentada na pesquisa, para isso, o autor acredita que o material adquirido deve ser

colocado em categorias, de maneira que o pesquisador tenha cuidado ao tirar suas conclusões a respeito pesquisa em questão.

Na visão de Triviños (1987), a análise do conteúdo qualitativo constitui-se predominantemente a descrever as informações obtidas. Por meio dela, o pesquisador necessita explorar os dados de maneira geral, mantendo, ao máximo, o que foi registrado na transcrição, desse modo, obtendo suporte para compreensão do fato estudado.

Bardin (1977) considera que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas no diagnóstico das comunicações. Pare ele, antes de ser realizada a análise propriamente dita, o material reunido deve passar por uma preparação formal. No caso das entrevistas gravadas, elas devem ser transmitidas na íntegra e as gravações conservadas, para possíveis consultas quanto aos aspectos como: o tom de voz, o ritmo da fala, as pontuações e, entre outras, questões que vão além das palavras.

Bardin (1977) destaca, ainda, o papel desempenhado pelo pesquisador, que consiste em realizar a exploração do material adquirido, administrando as decisões a serem tomadas, tratando as informações por meio de codificação, enumerando as informações em função de regras previamente estabelecidas. Assim, haverá a obtenção de resultados brutos que precisam ser tratados de maneira a se mostrarem válidos.

3. DESENVOLVIMENTO

No desenvolvimento deste trabalho, inicialmente, realizou-se um estudo exploratório, por meio do qual se obtiveram informações que serviram de base para a elaboração do referencial teórico do trabalho científico em questão. Tal procedimento teve por escopo buscar a relação dos principais autores do referido assunto, alcançando o embasamento proposto na pesquisa.

Assim, por conta da importância de se obter informações consistentes que pudessem dirimir a problemática da pesquisa, optou-se, quanto à forma da abordagem da pesquisa, realizar o desenvolvimento do método quantitativo com apoio no método qualitativo. Desta feita, a partir do referencial metodológico, observou-se que os dados das duas fontes de informação se complementam.

3.1 Procedimentos realizados na fase da abordagem quantitativa

Como outrora mencionado no que concerne ao referencial metodológico, a pesquisa quantitativa se desenvolveu com perguntas fixas, fato que proporcionou a obtenção de dados de maneira objetiva. Desta forma, delineando melhor projeção acerca do “Perfil do Jornalista no Estado do Amapá: características demográficas, salário, rotinas produtivas e motivação do profissional no mercado de trabalho”.

Assim, é profícuo mencionar que, quanto aos procedimentos técnicos usados para a coleta de dados da presente monografia, foi adequada a realização de entrevista estruturada, com captação de um público intrinsecamente envolvido com a temática abordada respondendo questões sobre a percepção dos profissionais do âmbito jornalístico desenvolvido dentro da unidade federativa do Amapá.

Desta maneira, faz-se pertinente considerar a necessidade de se realizar a pesquisa quantitativa buscando equalizar uma relação numérica de participantes, mantendo, assim, uma diversidade de informações acerca dos jornalistas.

Faz-se oportuno informar que se optou por abordar a categoria dos profissionais que estão filiados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá (Sindjor-AP), bem como os graduados pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP até o momento da realização da pesquisa, e os acadêmicos do último semestre de Jornalismo da UNIFAP que já desenvolvem trabalhos na área. O público mensurado serve de base tanto para a fase quantitativa, quanto para a fase qualitativa.

Para alcançar contato com o público, foi deveras necessário o conhecimento sobre o sindicato e informações sobre a atual presidente, pois, assim, a abordagem do tema proposto se daria de maneira mais dinâmica, e, tornando mais fácil o mapeamento desses profissionais e seus respectivos contatos. Em meio a esse processo, verificou-se a importância da existência do Sindicato dos Jornalistas do Amapá (Sindjor-AP) no que tange à defesa dos direitos e deveres dos jornalistas. Salutar dizer que sua existência é datada de 5 de novembro de 1992, portanto em vigor há mais de 23 anos.

Com relação à atual estrutura do sindicato, foi realizado contato com a atual presidente, Denyse Quintas. Nesta abordagem, constatou-se que hodiernamente existem 260 sindicalizados ao Sindjor Amapá, excetuando-se deste número aqueles profissionais que estão em fase de regularização. É nesta conjuntura que o sindicato pleiteia direitos inerentes à categoria, pondo-se à frente dos profissionais.

Porém, em que pese mais de duas décadas de lutas em prol de benefícios para a categoria, a referida instituição ainda não conseguiu vencer uma peleja que há anos perdura,

um piso salarial definido, ou seja, ainda não se estabeleceu qual o menor salário permitido que se deve pagar a um profissional dessa área.

Sob o enfoque quantitativo, houve a tentativa de alcançar os 260 (duzentos e sessenta) jornalistas sindicalizados à instituição Sindjor-AP, sendo importante constar participação na resolução do questionário 7 (sete) jornalistas formados pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e 6 (seis) alunos que já trabalham na área jornalística e estão cursando o último semestre do curso de Jornalismo na UNIFAP.

Reitera-se que, para execução da pesquisa, era pertinente a abordagem de um público intrinsecamente ligado à temática proposta e, para tanto, a participação dos associados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá se justifica, uma vez que se trata de categoria já organizada, reduzindo, assim, o universo a ser estudado, mantendo a devida proporcionalidade entre quantidade e qualidade.

Entretanto, apesar dos esforços, é importante considerar que, junto ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá (Sindjor-AP) foi obtida uma lista com o nome de apenas 140 sindicalizados, sendo que somente 103 (cento e três) vieram acompanhados por seus respectivos e-mails, fato que viabilizaria o contato. Outros foram obtidos via redes sociais, contabilizando um total de 129 (cento e vinte e nove) possíveis participantes.

Importante salientar as palavras da presidente da instituição, Denyse Quintas, que informou que, atualmente, o sindicato está em processo de atualização dos dados cadastrais, e, devido a isto, houve o afastamento de alguns jornalistas e, portanto, seus respectivos dados não foram atualizados, dentre eles o e-mail e endereço profissional.

Desta feita, foram contatados 129 (cento e vinte e nove) jornalistas sindicalizados, mas nem todos deram retorno com participação na pesquisa. Nesse processo, destaca-se o caso de 29 (vinte e nove) e-mails retornarem acusando endereço inexistente.

É necessário afirmar que, como a participação é voluntária, obtiveram-se respostas somente de pessoas que se interessaram pela discussão e concordaram em participar espontaneamente. Assim, em função desses problemas, foi obtida a resposta de 48 (quarenta e oito) sindicalizados e optou-se por realizar uma análise criteriosa a fim de elaborar uma amostra composta por profissionais atuantes em diversas áreas da comunicação, seja no rádio, televisão, assessorias, impressos ou em veículos ligados à internet, como portais de notícias e blogs.

Acerca desse ponto, consideramos imprescindível salientar que dos 7 (sete) graduados pela UNIFAP, até o presente momento da realização da pesquisa, 2 (dois) não participaram da

fase quantitativa. E dos 6 (seis) estudantes do último semestre de Jornalismo da UNIFAP que já trabalham na área, 4 (quatro) não responderam ao questionário.

Como proposto, a fase da pesquisa em questão se deu por meio de um estudo quantitativo realizado com aplicação de um questionário contendo 19 perguntas objetivas, sendo que algumas possibilitavam mais de uma resposta.

Deste modo, com o objetivo de mensurar e quantificar o trabalho dos jornalistas frente à sua profissão, houve a disponibilidade por meio da internet do instrumento de pesquisa ao público-alvo.

3.1.1 Envio dos questionários

O envio dos questionários se deu no dia 2 de março de 2016, e foi estipulado um prazo até o dia 10 de março do mesmo ano para obter as respostas. No primeiro dia, obtiveram-se 20 respostas, após isso, no dia 7 de março, houve o envio de um novo email e/ou mensagem, utilizando, inclusive a rede social Facebook como forma de reforçar a importância da participação da pesquisa, o que gerou o retorno de mais 15 respondentes.

Optou-se ainda por realizar no dia 9 de março o envio do último reforço, obtendo-se os dados finais, com um total de 55 (cinquenta e cinco) respondentes. Desses, 48 (quarenta e oito) são jornalistas sindicalizados, 5 (cinco) recém-formados pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP e outros 2 (dois) estavam cursando o último semestre de Jornalismo na UNIFAP e já trabalham na área.

No que se refere ao processo de estratificação dos dados, foi realizado buscando demonstrar as porcentagens de respostas de modo claro, sem aumentar ou diminuir tais dados, demonstrando qualidade e veracidade das informações. Ademais, para essa etapa convencionou-se utilizar o software Excel, planilha eletrônica da Microsoft, como forma de agrupar e obter as estatísticas sobre as respostas.

Quanto à forma da apresentação gráfica dos dados, optou-se pela forma gráfica de pizza e de barras, conforme a necessidade de análise. Na realização de tais procedimentos foi efetuada a definição das dimensões de informações que deveriam ser encontradas por meio das respostas.

Além disso, cabe ressaltar que os dados foram analisados de maneira individual e alguns cruzados, de modo a obter respostas aprofundadas a respeito do tema em questão.

3.1.2 Apresentação, discussão e análise dos dados da fase quantitativa

3.1.2.1 Gênero

Por intermédio da pesquisa, constata-se que, dos profissionais pesquisados, a maior parcela, 56,4%, é do sexo feminino, e 43,6% do sexo masculino.

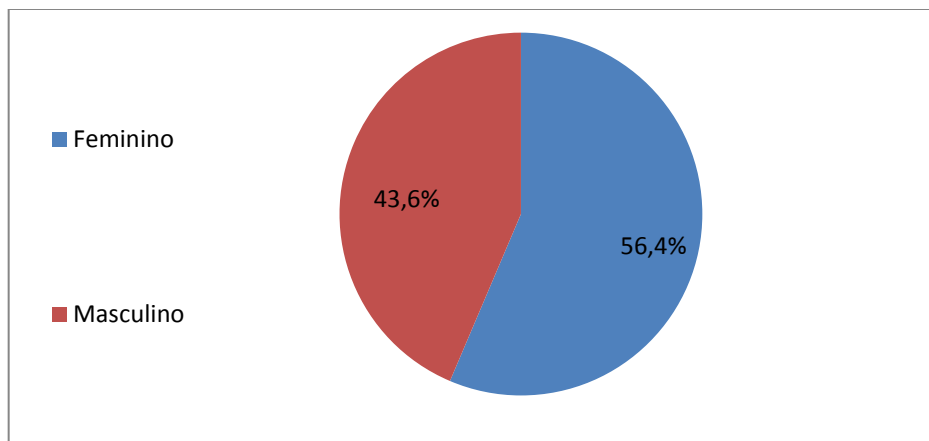


Figura 1: Jornalistas amapaenses por sexo (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

No que diz respeito às questões de gênero, é importante analisar que a feminização no mercado de trabalho jornalístico vem ocorrendo de forma acentuada. Não é que os homens estejam ficando fora das atividades, mas as informações iniciais apontam para a observação de que no Amapá existe uma disputa equiparada entre homens e mulheres em busca de espaços ligados aos setores de comunicação.

Com base nos resultados apresentados, avalia-se que tais dados são importantes dentro do processo da referida pesquisa, uma vez que um dos objetivos da proposta em questão seria o de perceber como está estabelecido o mercado contemporâneo dos jornalistas. Sendo assim, afirma-se que um dos grandes desafios ligados ao Jornalismo foi a inserção das mulheres em tal campo de trabalho.

Embora a pesquisa demonstre a presença das mulheres frente a veículos de comunicação do Amapá, é importante ressaltar que tal ruptura de gênero em nível de Brasil teve êxito somente no século XX. Como explica Ribeiro (1998), durante muito tempo, quem exercia atividades ligadas à área eram somente os homens. É interessante afirmar que o autor dá exemplo do jornal Estadão, e afirma que lá as mulheres não exerciam atividades ligadas ao

Jornalismo, algumas até trabalhavam como telefonista, mas quando existiam muitas atividades jornalísticas, tais mulheres não eram aceitas no ambiente. Com as palavras do referido autor, “mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço” (Ribeiro, 1998, p.31).

Trazendo esses aspectos para a pesquisa realizada no estado do Amapá, pode-se então perceber que questões de gênero não são mais empecilhos para o desenvolvimento do trabalho feminino na área da comunicação, independente da faixa etária, as mulheres estão ocupando espaços nos veículos da imprensa, ficando até frente aos homens.

3.1.2.2 Idade

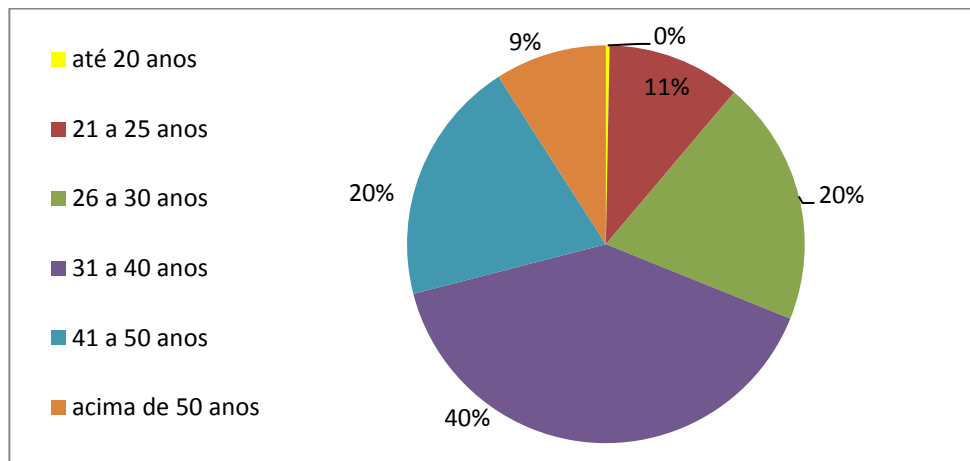


Figura 2: Jornalistas amapaenses por faixa etária (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Os dados da pesquisa mostram que, com relação à faixa etária dos jornalistas, aqueles entre 31 a 40 anos representam 40% da categoria, 20% estão na faixa etária de 26 a 30 anos. Já o que estão acima de 50 anos correspondem a 9,1% dos respondentes. O percentual dos que estão entre 41 a 50 é de 20%. Nenhum dos participantes declarou possuir menos do que 20 anos.

Os dados apontam para o predomínio da faixa etária dos jornalistas entre 31 a 40 anos no mercado de trabalho. O que evidencia que na carreira não existem estereótipos de idades, e sim o que sobrepõe é a qualidade do trabalho apresentado. Tanto é assim que conforme é apontado no Referencial Teórico da presente monografia, os cargos ligados à

carreira exigem traços e competências ao ofício da profissão. Estas ideias orientam para o que é mostrado no levantamento em questão, pois constatou-se que o que exige-se é qualificação.

3.1.2.3 Cor/Raça

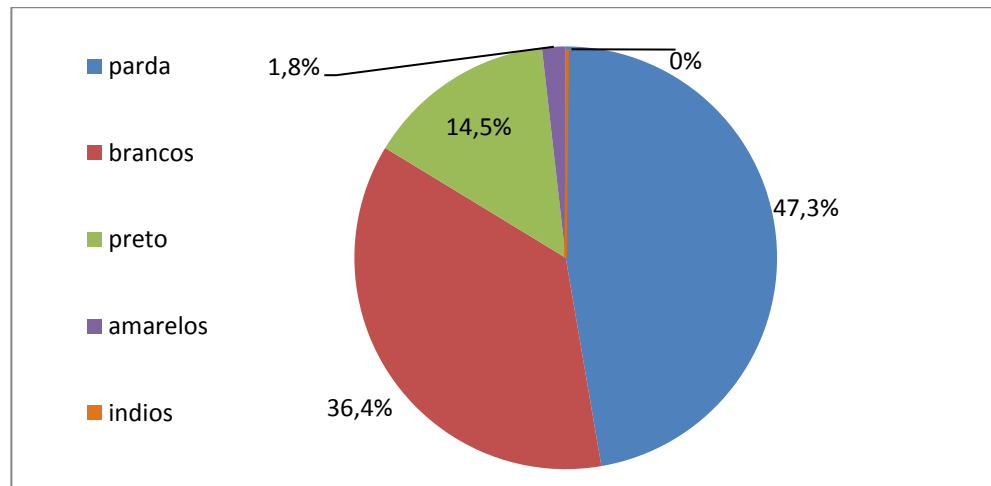


Figura 3: Cor/raça dos Jornalistas amapaenses (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Com relação à cor/raça dos jornalistas amapaenses, a pesquisa aponta que a categoria é majoritariamente parda, o que corresponde a 47,3% do público pesquisado. Os que se declararam brancos representam 36,4%; se declararam pretos o total de 14,5% dos participantes; os amarelos são apenas 1,8% e nenhum dos jornalistas se declarou indígena.

Antes de realizar reflexão sobre raça, precisamos recorrer ao conceito trabalhado nos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que considera que negro é a junção de preto e pardo. Segundo aponta Santos (2002), ambos os grupos raciais apresentem características semelhantes, o que explica a união:

[...] justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros [...] (SANTOS, 2002, p 13).

Dessa forma, para dimensionar a presença dos negros na esfera amapaense, é necessário considerar que, de acordo Francisco (2016), o último censo demográfico realizado

pelo IBGE aponta que a população do estado é composta por 78,9% de negros, e apenas 20,3% brancos.

Nesse contexto, podemos compreender que a predominância de negros no estado do Amapá se representa no âmbito do jornalismo, onde a maioria dos profissionais, o que corresponde a 61,8%, declarou-se negro. Tal análise consegue mostrar que a pesquisa acerca do jornalismo, mesmo não atingindo essa totalidade de 78,9%, também é considerada negra.

3.1.2.4 Religião

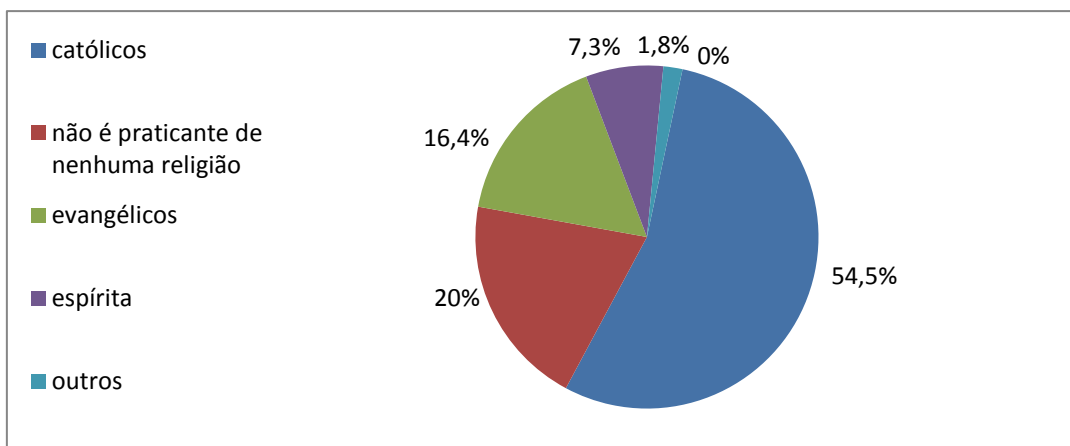


Figura 4: Jornalistas amapaenses praticantes de alguma religião (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

A partir do questionamento para saber se os jornalistas praticam alguma religião, notou-se que nesse meio a maioria é praticante, o que representa 80% dos participantes, contra 20% dos não praticantes. Entre os religiosos, a maioria é católica, o que representa 54,5%, mas existem ainda uma parcela de 16,4% de evangélicos, já os espíritas correspondem a 7,3% dos jornalistas atingidos pela pesquisa. Somente 1,8% dos jornalistas optaram pela escolha da alternativa “outros”.

3.1.2.5 Naturalidade

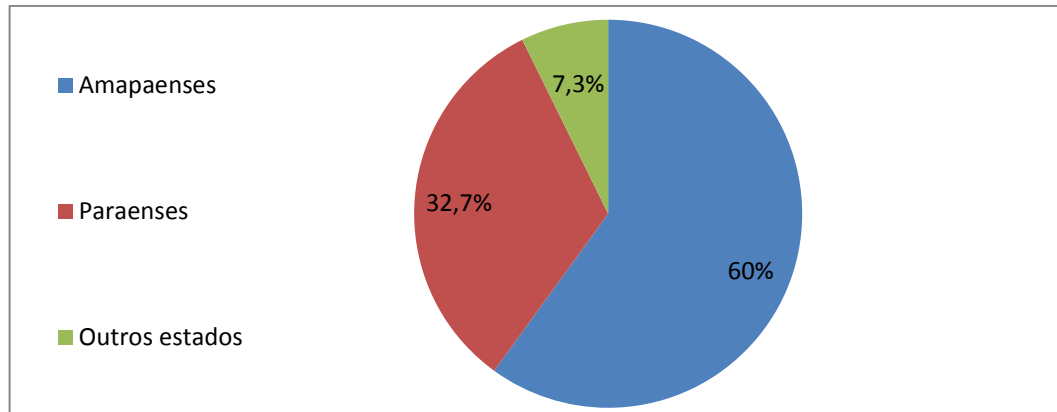


Figura 5: Naturalidade dos Jornalistas amapaenses (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

No que se refere à naturalidade, nota-se que o jornalismo é exercido em sua maioria por profissionais do próprio estado do Amapá, o que representa 60% dos respondentes. Já os procedentes do Pará se apresentam em sequência ao Amapá, com 32,7%. Os jornalistas oriundos de outros estados representam a parcela de 7,3%, o que confirma que o Amapá ainda possui predominantemente amapaenses em meio às atividades de comunicação.

3.1.2.6 Escolaridade

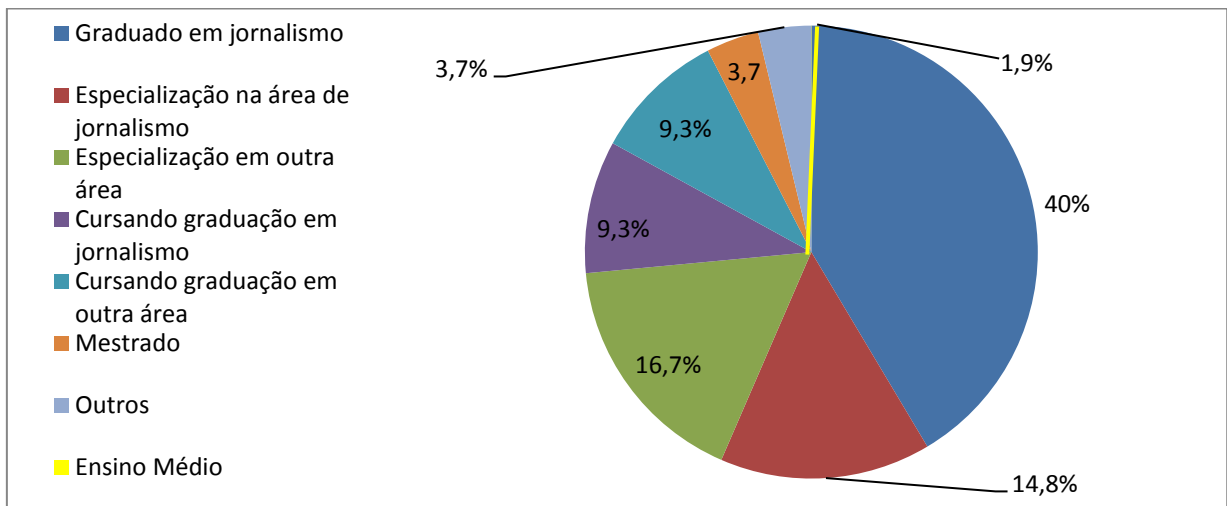


Figura 6: Nível de escolaridade do jornalista amapaense (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

No que se refere ao nível de formação dos jornalistas no Amapá, pode-se dizer que esse aspecto, é relevante no sentido de conhecer o quanto a categoria busca sua formação profissional. Os dados mostram o nível de escolaridade do jornalista amapaense. São

graduados em Jornalismo 40,7% dos profissionais, ou seja, menos da metade dos profissionais atuantes no estado. Em relação ao universo pesquisado, constatou-se que 14,8% possuem especialização na área de jornalismo, já outros 16,7% possuem especialização em outra área do conhecimento. No processo de aprendizagem, 9,3% estão cursando graduação em outra área. Nesse sentido, essa informação pode demonstrar que alguns pretendem conhecer ou atuar em outra área profissional que não seja o Jornalismo.

Neste cenário, analisa-se que é evidente que a atividade jornalística no estado do Amapá está em processo de readequação. De um lado, temos jornalistas que já atuam há bastante tempo na área; de outro, temos instituições graduando futuros profissionais que já caminham para sua inserção no mercado de trabalho. Isso mostra que o estado vem se desenvolvendo no quesito formação de jornalistas, sem que essas pessoas precisem procurar em outros estados uma instituição para sua formação na área do Jornalismo.

Além disso, esses dados permitem revelar que o jornalista está cada vez mais desenvolvendo suas competências profissionais, constituindo-se como profissional que vai em busca de uma graduação, especialização, mestrado e doutorado. Tais níveis de formação não são necessariamente em Jornalismo, mas contribuem para que o profissional realize suas atividades de maneira qualificada e muita das vezes conquiste ascensão na carreira.

As melhores posições no mercado de trabalho exigem profissionais competentes, e a base para isso está no conhecimento e habilidade. E para adquirir conhecimento não existe outra maneira a não ser com uma formação acadêmica sólida. É importante destacar que a pesquisa mostra que a presença de jornalistas com apenas o ensino médio é mínima. Nessa questão, entram os jornalistas que possuem alguma experiência específica no meio jornalístico e obtiveram direito adquirido para o exercício da profissão.

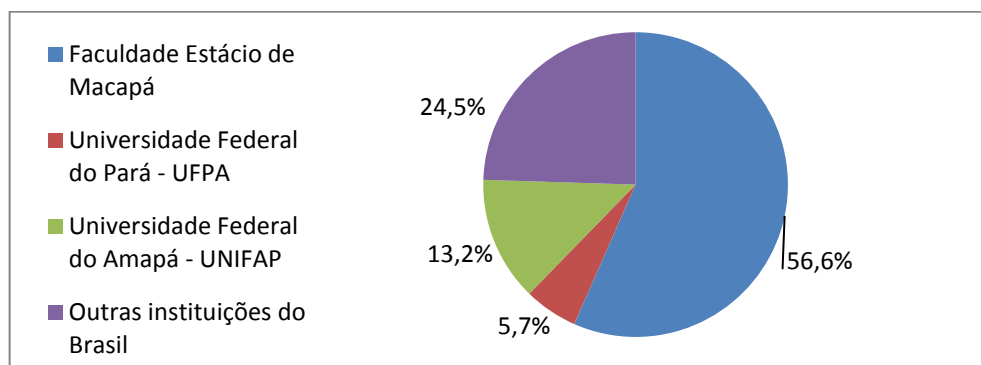


Figura 7: Instituições em que houve a formação em Jornalismo (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Dos 40,7% profissionais graduados em Jornalismo, 56,6% concluíram sua formação na instituição privada Faculdade Estácio de Macapá; 5,7% se graduaram na Universidade Federal do Pará – UFPA; 24,5% são graduados em outras instituições do Brasil; e apenas 13,2% são graduados pela Universidade Federal do Amapá, fato que pode ser justificado pela oferta recente do curso de Jornalismo na instituição, iniciado em 2011.

No processo de pesquisa, percebe-se que nem todos os jornalistas são graduados em Jornalismo. Mas, do total pesquisado, 9,3% estão cursando graduação na área, o que mostra o interesse de parte dos profissionais que já atuam no mercado em buscar qualificação na academia, almejando uma formação profissional mais completa.

Tratando-se da questão dos requisitos para atuar como um profissional da área, o Brasil, desde 2009, se tornou um país no qual para ser jornalista há o caminho por meio de graduação, ou devido à prática na profissão. Nesse contexto, se encaixam aqueles que iniciaram suas carreiras em períodos em que a exigência do diploma não era requerida e os que obtiveram alguma experiência específica no meio jornalístico e tiveram como provar suas atividades, adquirindo direitos de ser um jornalista profissional. Desse modo, realizando contato com os jornalistas amapaenses, observou-se que alguns dos sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas Amapaenses adquiriram seu registro profissional a partir de experiências profissionais adquiridas no campo da comunicação.

3.1.2.7 Sindicalização

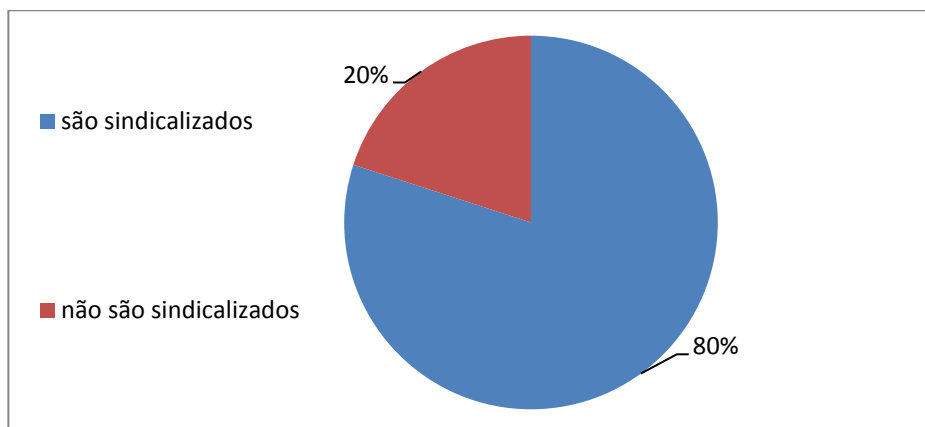


Figura 8: Jornalistas sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá – SINDJOR (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Devido à pesquisa ter a maioria dos participantes ligados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá – SINDJOR, o resultado mostra que 80% dos participantes são sindicalizados ao Sindicato e apenas 20% dos jornalistas não são associados. Entre os que não são, entram os recém-formados na área e os estudantes do último semestre do curso de Jornalismo.

3.1.2.8 Ingresso no mercado de trabalho

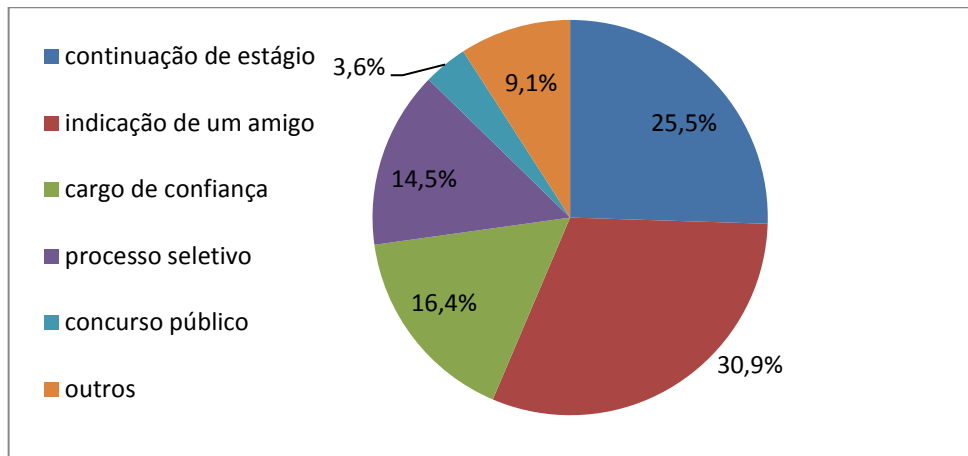


Figura 9: Forma de ingresso no primeiro trabalho (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quando a questão é a forma de ingresso no primeiro trabalho, 30,9% declaram que foi a partir da indicação de um amigo que se inseriram no campo de trabalho. Outros 25,5% contaram que foi a partir da continuação de um estágio que conseguiram se inserir no mercado. Outros 16,4% afirmam o cargo de confiança como sendo o responsável por sua inserção, enquanto 14,5% realizaram processo seletivo; 9,1% responderam que se enquadram na opção “outros”, mas não especificaram a forma de ingresso, e, por fim, 3,6% obtiveram seu primeiro emprego por meio de concurso público.

O estudo das formas de ingresso no primeiro trabalho revelou-se, assim, um componente importante para realizar investigações acerca da identidade profissional dos jornalistas no Amapá. Pode-se perceber, nesses dados, a importância que as relações de amizade possuem para se atingir a inserção no mercado de trabalho, no caso, existe a predominância de relações baseadas em confiança.

A partir desse entendimento, pode-se interpretar que um membro das redes de relacionamentos humanos conta com os benefícios dos demais integrantes do grupo, esse entendimento diz respeito a fazer networking, usando a rede de relacionamentos para a

interdependência. Peters (2000, p.79) evidencia que “quanto mais pessoas conhecemos, quanto mais circulamos, maiores as chances das oportunidades aparecerem”.

Além disso, a pesquisa mostra que existe a presença considerável de jornalistas que alcançaram seu primeiro emprego por meio de experiência adquirida em treinamento profissional de estágio. A prática de estágios é comum entre os estudantes de comunicação, já a forma de ingresso a um trabalho devido a continuação de estágio está relacionado a atuação positiva, e como consequência, há o crescimento profissional.

3.1.2.9 Área de atuação

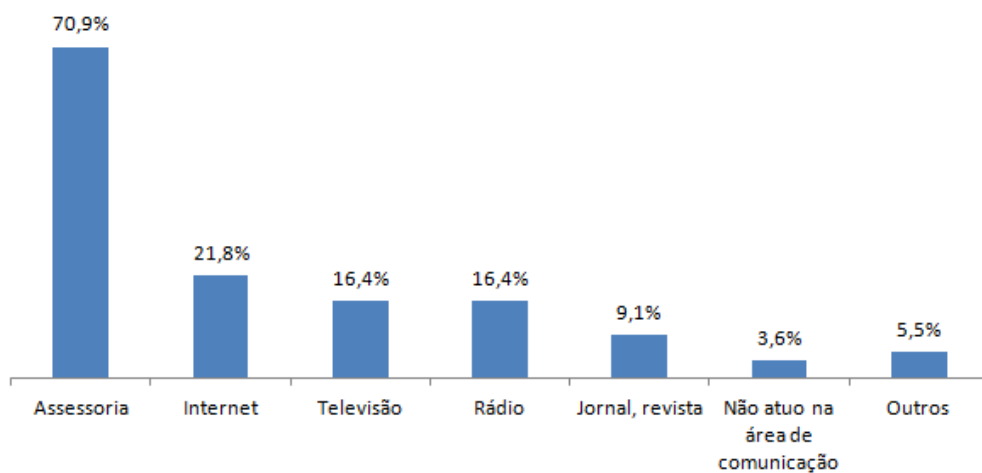


Figura 10: Área de comunicação em que trabalham (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à área em que estão trabalhando atualmente, os participantes da pesquisa poderiam marcar mais de uma resposta, dependendo de quantas ocupações possuíam na área jornalística. Os resultados mostram que a maioria declarou estar em assessoria de comunicação, somando 70,9% dos respondentes. Outros 21,8% estão desenvolvendo suas atividades na área da internet, em blogs ou portais de notícias, enquanto 16,4% atuam em rádios. Além disso, 16,4% estão em televisão; já 9,1% atuam em jornais e revistas. Do total de pesquisados, 3,6% declararam não atuar na área da comunicação, e 5,5% responderam que se encaixam na opção “outros”.

Com base no resultado apresentado, é possível inferir que a profissão de jornalista dá a possibilidade de realizar várias escolhas relacionadas ao mercado de trabalho. Muitos profissionais, devido à necessidade de aumentar sua renda mensal, acabam trabalhando em diversas delas, às vezes simultaneamente.

Outro aspecto que pode estar relacionado ao trabalho em mais de um local é a questão da carga horária de 20 horas semanais. Diante disso, alguns empregos dão ao profissional tempo de possuir mais de um vínculo empregatício.

Para efeito de comparação, nota-se a presença da maioria dos profissionais desempenhando atividades na área de assessoria e recebendo um salário consideravelmente maior se comparado a outras áreas. Portanto, tais dados permitem perceber quais são os postos mais valorizados em termos de salários.

3.1.2.10 Atuação e Remuneração

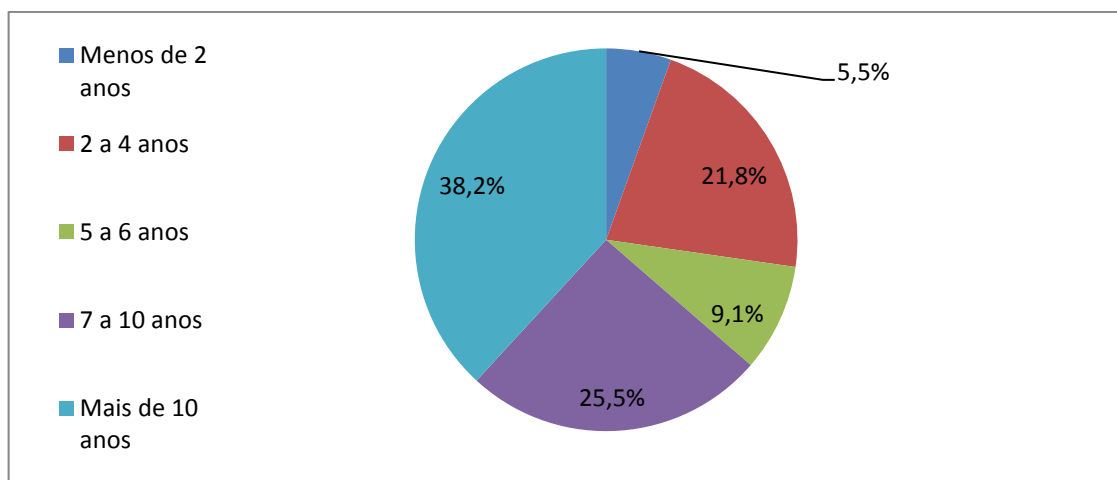


Figura 11: Tempo que atua ou atuou na área jornalística (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quando perguntados sobre quanto tempo atuam ou já atuaram na área jornalística, 38,2% afirmaram que há mais de 10 anos; 25,5% estão de 7 a 10 anos na área; 21,8% dos jornalistas estão de 2 a 4 anos. Afirmam estar de 5 a 6 anos na área, 9,1% dos profissionais; e trabalham menos de 2 anos, 5,5% dos jornalistas amapaenses.

Nesse contexto, reflete-se por meio das informações apresentadas, que o jornalista amapaense possui um tempo considerável frente à sua profissão e pode ser considerado veterano.

Neste sentido, o tempo na carreira profissional permite suscitar a ideia de que o conhecimento adquirido no decorrer dos anos, nas mais diferentes áreas do jornalismo faz com que certas dificuldades que pudessem existir na carreira dos iniciantes sejam superadas pela obtenção de informações necessárias para melhoria do desempenho profissional.

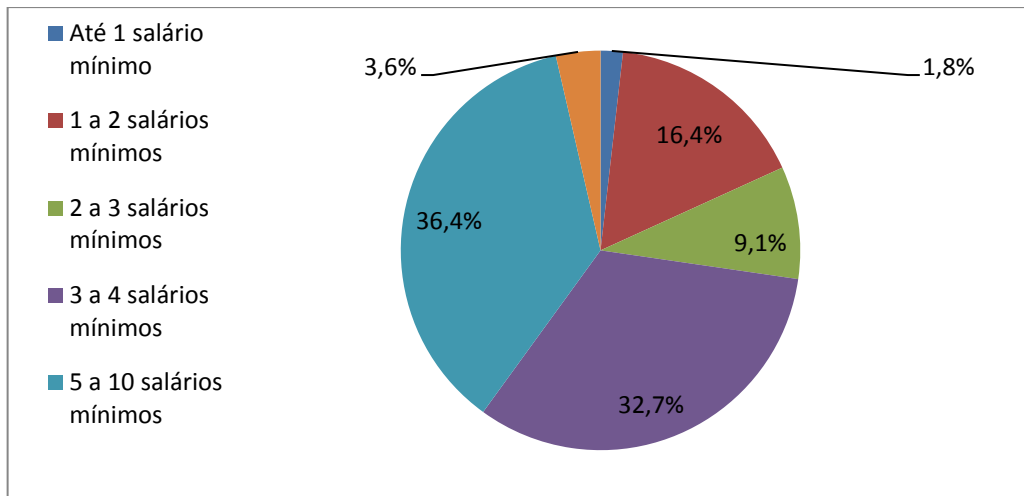


Figura 12: Faixa salarial (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à remuneração, a maior parcela de jornalistas, 36,4%, possui renda mensal de 5 a 10 salários mínimos; 3,6% recebem mais de 10 salários mínimos, mas não atuam diretamente em áreas jornalísticas e, sim, são docentes de universidades; os que recebem de 3 a 4 salários mínimos representam 32,7% dos respondentes. Afirmam receber de 1 a 2 salários mínimos, 16,4% dos profissionais; já 9,1% recebem de 2 a 3 salários mínimos, e apenas 1,8% recebem até 01 salário mínimo.

Baseado nas informações apresentadas, destaca-se que o salário do jornalista depende da empresa para qual ele está desempenhando suas funções. Contudo, fazendo uma comparação a nível nacional, nota-se que o salário pago a um jornalista não é tão baixo, mas que precisa sim aumentar para que haja, conseqüentemente, melhorias na qualidade de vida de tais profissionais.

Os dados da pesquisa de Mick (2013) demonstram que a maior parcela dos jornalistas no Brasil, o que corresponde a um quarto deles, tem uma faixa salarial entre 5 e 10 salários mínimos. Trabalhando a questão da média salarial no estado do Amapá, observou-se que os salários predominantes também são de 5 a 10 salários mínimos. Isso quer dizer que o salário no jornalismo, pelo menos em nível de Amapá, está conforme a média nacional.

Tais afirmações demonstram que o reconhecimento da profissão quanto a questão salarial está diretamente vinculada a uma necessidade dos donos de veículos de comunicação em reconhecerem o papel que tais profissionais possuem no contexto social. Mais do que

proporcionar uma reserva de mercado, no sentido de restringir salários bons a toda categoria, existe a necessidade de tentar cada vez mais unir esses profissionais a fim de não permitir que empresários da mídia desvalorizem a profissão.

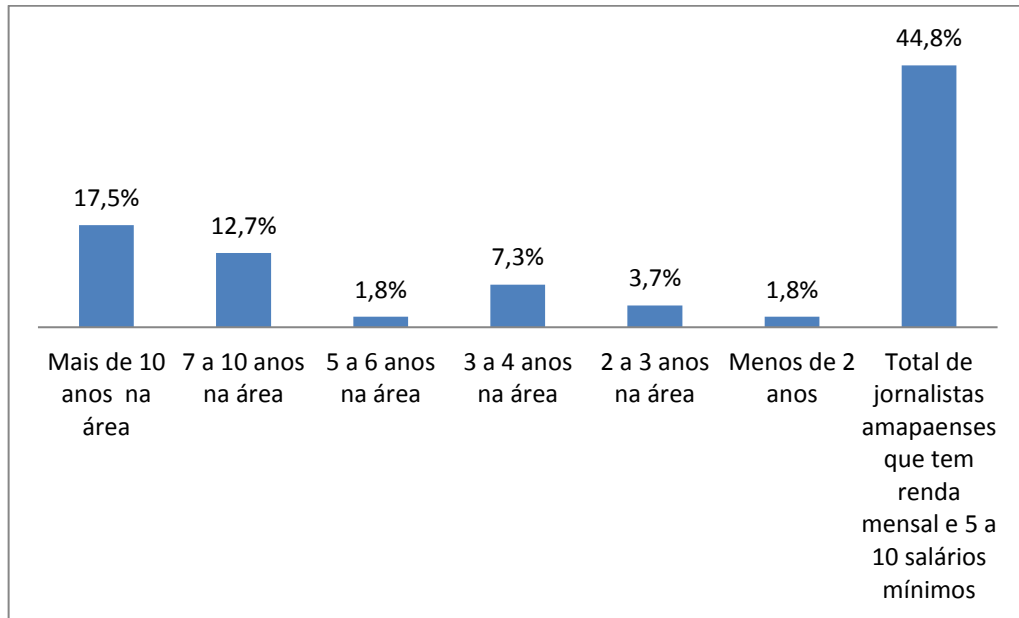


Figura 13: Tempo de atuação dos jornalistas que recebem de 5 a 10 salários mínimos (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quando o assunto é faixa salarial, fazendo uma comparação com o tempo que atuam ou já atuaram na área jornalística, verificou-se que, do público pesquisado, os que estão há mais de 10 anos na área e ganham de 5 a 10 salários mínimos correspondem a 17,5% do total pesquisado; recebem essa mesma faixa salarial 12,7% dos que tem 7 a 10 anos no mercado; os que atuam de 2 a 3 anos e recebem a mesma faixa salarial correspondem a 3,7% dos participantes; já o percentual dos que estão de 3 a 4 anos e têm essa renda mensal corresponde a 7,3% dos jornalistas; apenas 1,8% dos jornalistas atuam de 5 a 6 anos e têm a mesma faixa salarial de 5 a 10 salários mínimos. Entre os que estão trabalhando ou trabalharam menos de 2 anos na profissão, o percentual dos que ganham a faixa salarial mencionada anteriormente é bem baixo, correspondendo apenas a 1,8% do público pesquisado. Notavelmente, a pesquisa mostra que 44,8% dos jornalistas amapaenses têm renda mensal de 5 a 10 salários mínimos.

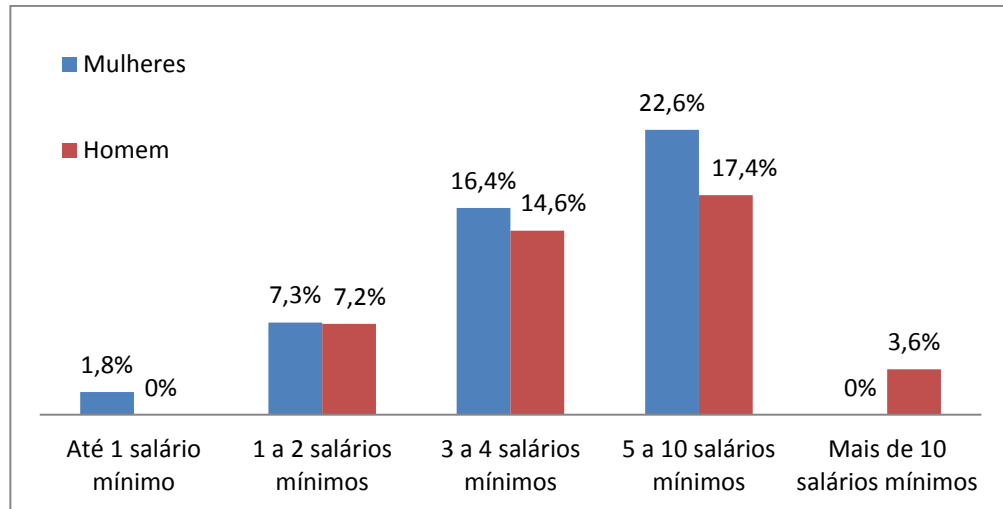


Figura 14: Distribuição de renda de homens e mulheres do Jornalismo amapaense (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

O percentual de mulheres nas faixas de renda de 5 a 10 salários corresponde a 22,6%. Os homens que têm essa renda correspondem a 17,4%. O percentual de mulheres e homens que têm renda de 3 a 4 salários mínimos são parecidos, o que equivale, respectivamente, a 16,4% e 14,6%. Recebem de 1 a 2 salários, 7,3% das mulheres e 7,2% dos homens, o percentual de homens que recebem de 2 a 3 salários mínimos corresponde a 1,8%, e as mulheres correspondem a 7,3% dessa faixa salarial. Nenhuma das mulheres afirmou que recebe mais de 10 salários mínimos; já 3,6% dos homens afirmam receber essa faixa salarial. Têm renda de até um salário mínimo, apenas 1,8% das mulheres, enquanto nenhum dos homens afirmou que recebe essa faixa salarial.

No geral, a análise das informações permite observar que fatores de gênero não afetam tanto a distribuição de renda dos jornalistas. Em algumas faixas salariais, as mulheres apresentam um salário superior aos homens. No entanto, é preciso considerar que as diferenças salariais dependem dos postos ocupados, bem como das funções desempenhadas.

Por outro lado, a pesquisa de Mick (2013) aponta que fatores de gênero afetam a distribuição de renda entre os jornalistas. Os dados mostram, por exemplo, que 17,8% dos homens têm renda superior a 10 salários mínimos, enquanto apenas 8,7% das mulheres possuem a mesma faixa salarial.

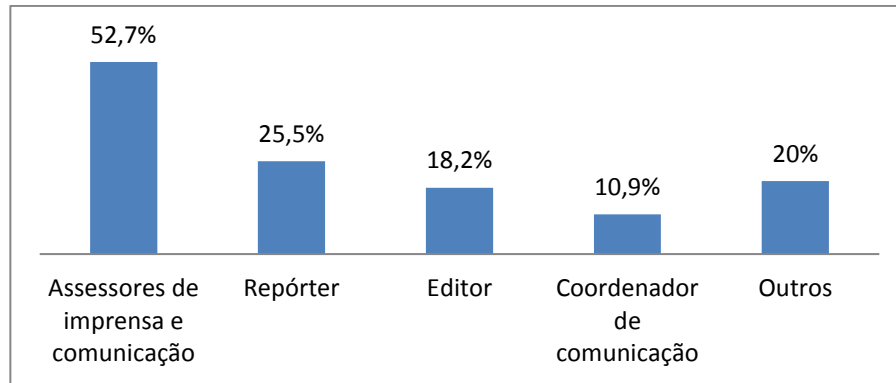


Figura 15: Função atual do jornalista amapaense (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Uma questão que pode suscitar dúvida na pesquisa diz respeito ao questionamento “Qual sua função atual?”. Ressalta-se que a questão formulada não deve ser confundida com a pergunta: “Qual área de comunicação você trabalha”, já que a primeira pode ser respondida como tendo a função de assessor de comunicação e imprensa e a segunda dá a possibilidade de o participante responder que atualmente trabalha na área de assessoria.

A amostra revela que a maioria dos jornalistas amapaenses acumula mais de uma função na área de Jornalismo. Tal questão pode ser notada devido à opção de assinalar mais de uma resposta caso acumulassem mais de uma função. Trata-se de uma extensão da atividade para qual foi contratado. O jornalista pode atuar em um veículo de comunicação como repórter e em outro turno estar atuando como assessor de comunicação, como é o caso de uma das opções assinaladas pelos participantes. Desse modo, constatou-se que os que declararam ser atuantes como assessores de imprensa e comunicação totalizam 52,7%, enquanto 25,5% atua como repórter. Na categoria editor, estão 18,2% dos jornalistas; já 10,9% atuam como coordenadores de comunicação. Já o percentual de profissionais que atuam em outras funções soma 20%.

De acordo com as informações apresentadas acima, verifica-se que o mercado de trabalho apresenta-se em busca de um mesmo profissional com habilidades para realizar a produção e divulgação de informações em diferentes formatos. Tais exigências apresentam-se como fatores predominantes no campo de negócios das empresas jornalísticas.

O profissional que escreve para internet, por exemplo, pode ser aquele que irá transformar as informações para outras mídias, como para veiculá-las em emissoras de rádio, por exemplo. No entanto, não há dúvida de que o mercado está restrito, haja vista que, por

estar realizando uma atividade além daquela para a qual foi contratado, o campo de trabalho poderia ofertar vagas para outros profissionais, o que reduziria o número de desempregos na área.

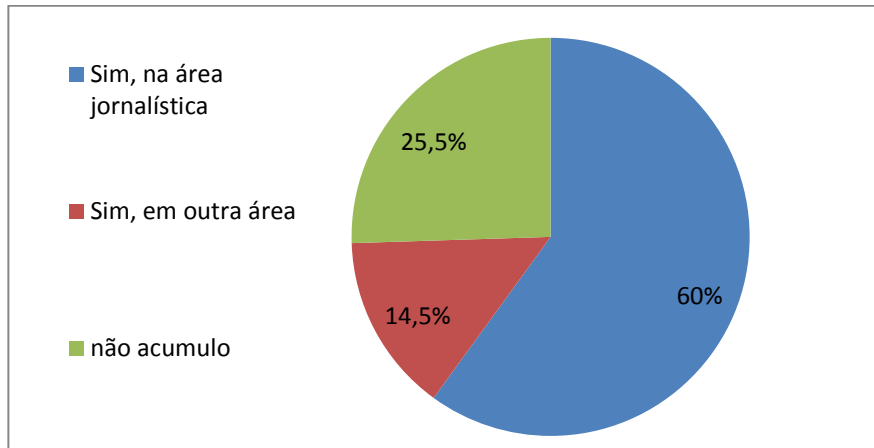


Figura 16: Acúmulo de função remunerada do jornalista amapaense (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

No que diz respeito à função remunerada, 60% dos jornalistas têm outra atividade remunerada na área de jornalismo; 25,5% não acumulam funções. Afirmam atuar em outra área sem ser em Jornalismo para complementar sua renda, 14,5% dos participantes.

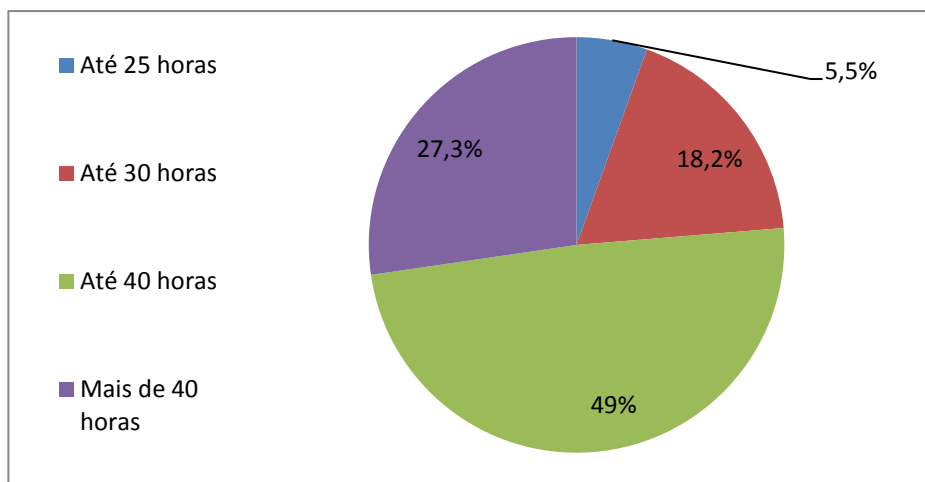


Figura 17: Carga horária semanal do trabalho dos jornalistas amapaenses (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à jornada semanal, 5,5% dos jornalistas trabalham até 25 horas, o que corresponde ao que determina a legislação. O percentual que trabalha até 40 horas semanais é predominante no universo pesquisado e corresponde a 49% dos pesquisados. Esse dado mostra-nos que os que atuam em funções jornalísticas trabalham acima do que a legislação estipula. Os jornalistas que trabalham mais de 40 horas correspondem a 27,3%, e os que trabalham até 30 horas semanais, correspondem a 18,2%.

Baseado em tais resultados, verifica-se que a carga horária determinada para um emprego da área não está seguindo o que a legislação estipula. O que acontece é que como as funções não estão bem definidas, o jornalista acaba se colocando em multifunções. É o caso de um único profissional realizar a elaboração de reportagens, produção e edição do material, por exemplo.

Com essas exigências do mercado, a carga horária acaba aumentando, indo além do que é permitido. O que deveria ser apenas 25 horas semanais às vezes ultrapassa 40 horas. Por serem mal remunerados e não terem o trabalho valorizado da devida forma, a maioria desses profissionais é obrigada a ter mais de um trabalho.

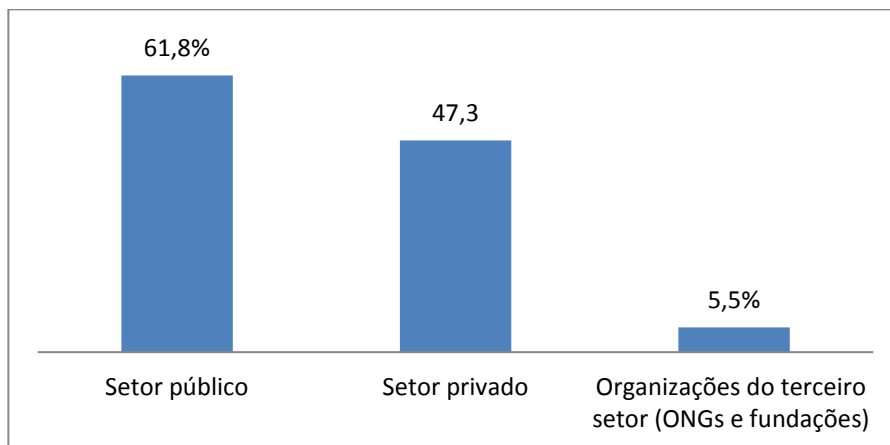


Figura 18: Setores em que estão trabalhando os jornalistas amapaenses (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Os participantes foram indagados sobre qual setor trabalham, e nessa questão puderam marcar mais de uma resposta, devido ao fato de alguns dos jornalistas amapaenses acumularem mais de uma função, o que reforça a ideia de que ele pode estar atuando no setor público, assim como para o privado e/ou até mesmo nas organizações do terceiro setor (ONGs e fundações). Desta maneira, percebe-se que 61,8% dos estão trabalhando para o setor

público; no setor privado estão 47,3% dos profissionais, e para organizações do terceiro setor (ONGs e fundações) atuam 5,5% do público alcançado.

A análise de tais informações se faz pertinente, uma vez que permitem realizar comparação dos setores, subsidiando a obtenção de informações acerca das carreiras profissionais. Nesses aspectos, pode-se perceber que os empregos ligados à comunicação no serviço público têm ganhado espaço em diferentes esferas do setor. A pesquisa em questão não é delimitada a quantificar os jornalistas que atualmente estão trabalhando em órgãos públicos, mas nota-se que é muita gente. Trata-se de uma questão de lógica. Por exemplo, não há prefeitura, câmara de vereadores ou assembleia legislativa sem assessores de imprensa. Assim, é possível dimensionar a presença de jornalistas espalhados por esse setor.

Além disso, uma parcela expressiva dos jornalistas concentrada em empresas privadas, podendo estar trabalhando em empresas ligadas diretamente à comunicação, como portais de notícias, jornais, rádio e televisão, ou ocupando cargos de assessoria de imprensa.

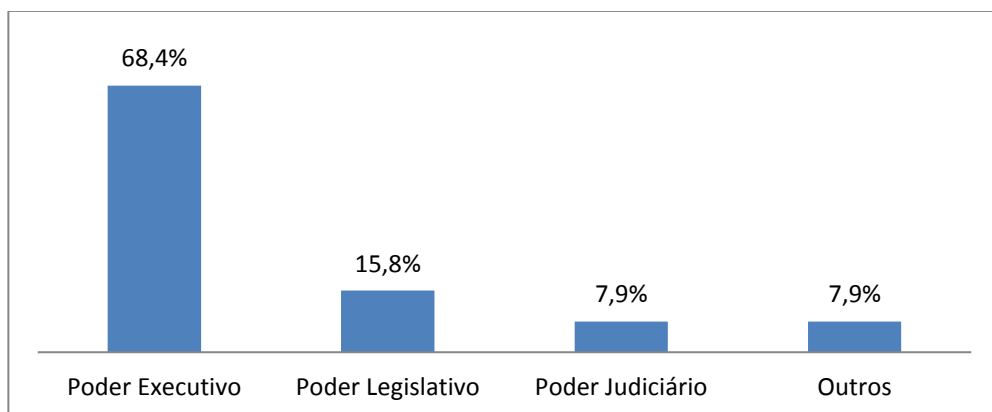


Figura 19: Poderes em que estão trabalhando os jornalistas do setor público (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa aponta ainda que dos jornalistas que trabalham para o poder público, 68,4% atuam para o Poder Executivo; 15,8% trabalham para o Poder Legislativo e 7,9% atuam no Poder Judiciário. Apenas 7,9% responderam “outros” nessa questão.

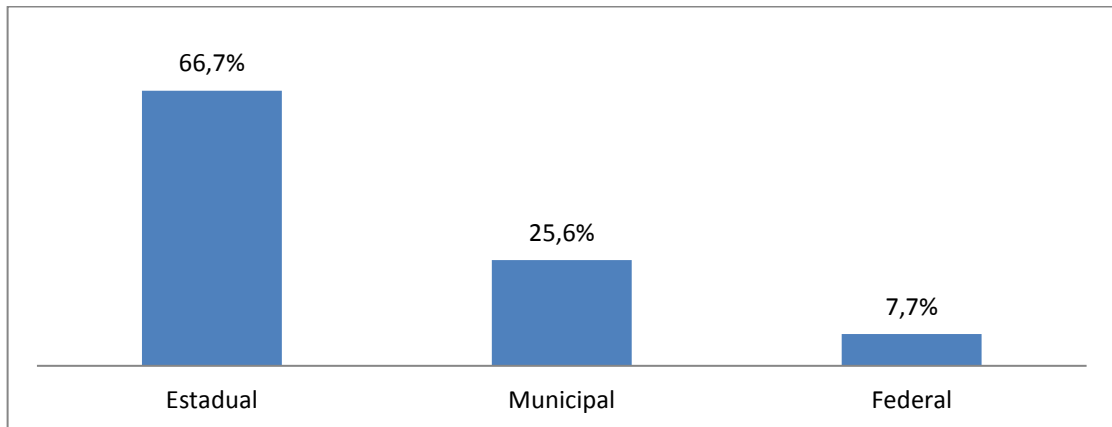


Figura 20: Esfera em que estão trabalhando os jornalistas amapaenses (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Por meio da pesquisa, também é possível observar a predominância de jornalistas que trabalham em âmbito estadual, o que corresponde a 66,7%; já 25,6% estão na esfera municipal, e apenas 7,7% trabalham no âmbito federal.

Concernente a essas informações, avalia-se que o mercado de trabalho jornalístico no estado do Amapá se apresenta como sendo bastante competitivo, o que envolve questões ligadas à concorrência, à qualificação e à competência profissional.

3.1.2.11 Exigência de formação na área

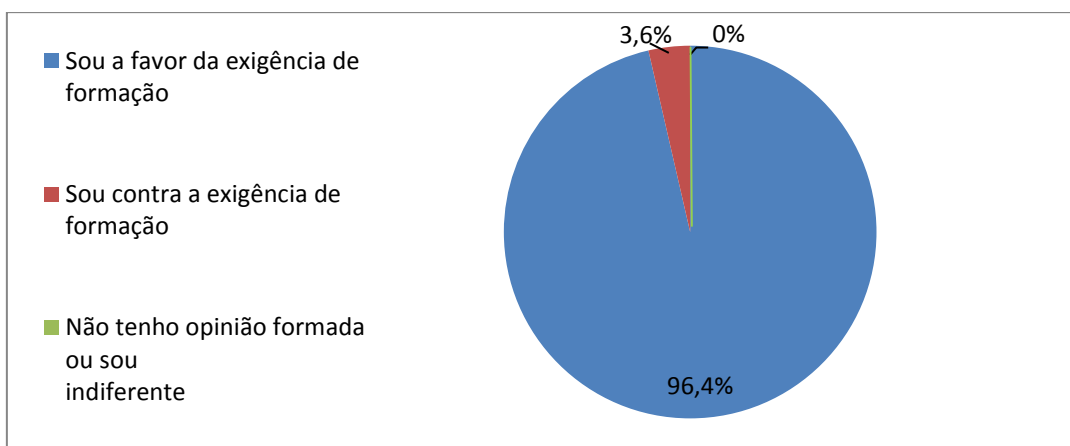


Figura 21: Opinião a respeito da exigência de formação na área para o exercício da profissão (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Um tema que provocou polêmica nacional é a questão da exigência de ensino superior em Jornalismo e, na presente pesquisa, constatou-se que 96,4% dos jornalistas são a favor da exigência de diploma para atuar na área, contra apenas 3,6% que consideram desnecessária a formação acadêmica. Nenhum dos respondentes afirmou não ter opinião formada ou ser indiferente ao questionamento.

Com base no resultado apresentado, é possível inferir que, no que se refere ao papel da universidade no processo de ensino, os jornalistas amapaenses tendem a aceitar a necessidade formação superior na área. Desta forma, o argumento de que é necessário o diploma para exercer a profissão torna-se válido, uma vez que a academia orienta para uma formação humanística que ajuda o profissional no mercado de trabalho.

O capítulo a seguir apresenta os passos da realização da pesquisa qualitativa, bem como os resultados obtidos com a análise das entrevistas.

3.2 Pesquisa qualitativa

É importante informar que para coleta de informações sobre o “Perfil do Jornalista no Estado do Amapá”, foi utilizada a técnica qualitativa em uma fase específica, como forma de captação de respostas individuais para explanar as opiniões dos participantes em meio ao campo em que estão inseridos. Nesse procedimento, foram aplicadas entrevistas para uma amostra da população captada na etapa quantitativa, seguindo um roteiro de perguntas abertas. As respostas, por sua vez, foram gravadas, servindo posteriormente para consulta e transcrição dos áudios na produção da monografia.

Cabe salientar que, para a formulação das questões que pudessem aprofundar o estudo, evitou-se a elaboração e a realização de perguntas que fugissem ao tema ou que fossem tendenciosas, saindo da sequência do que se quer estudar.

3.2.1 Delimitação do público da fase qualitativa

Para o desenvolvimento do estudo qualitativo, optou-se pela formação de um grupo de jornalistas, que, do total de respondentes da pesquisa quantitativa, fossem selecionadas 10 pessoas, o que corresponde a 18%. Nesta perspectiva, identificou-se a necessidade de se buscar um instrumento que pudesse indicar uma ordem de participação, forma esta que se

delineou no sorteio dos participantes. Assim, obteve-se acesso a uma ferramenta denominada “Sorteador”, situada no site <http://sorteador.com.br/>.

O instrumento em questão realizou sorteios de maneira aleatória, gerando dados nos seguintes patamares: 18% dos 55 jornalistas participantes da fase quantitativa, correspondentes a 10 entrevistados.

Para que esse processo tivesse êxito, convencionou-se realização de uma lista de nomes no software de edição de textos Microsoft Word, com a relação de todos os participantes. Assim, os nomes dos jornalistas foram colocados em ordem alfabética e enumerados de 1 a 55, o que possibilitou a realização do sorteio, dentro da porcentagem proposta. Tal sorteio norteou a participação de 6 (seis) jornalistas filiados ao Sindicato dos Jornalistas Amapaenses, e 4 (quatro) dos jornalistas graduados pela UNIFAP. Desta feita, nenhum dos acadêmicos do último semestre foi sorteado.

Ressalta-se que, por se tratar de pesquisa qualitativa, a pesquisa foi direcionada para a qualidade da amostra e não à quantidade de entrevistados.

Quanto às indagações feitas aos participantes, importa esclarecer que os jornalistas sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá – SINDJOR-AP houve a realização de entrevistas com 04 participantes do sexo masculino e 02 do sexo feminino, ambos com idades variando de 30 a 60 anos, e com atuação em diferentes áreas do jornalismo. Cabe salientar ainda que dos 5 (cinco) recém-formados pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP e participantes da fase quantitativa, 4 (quatro) participaram da fase qualitativa, sendo 3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino.

Tais entrevistas foram realizadas nos meses de março e abril de 2016 e todos os participantes agendaram em seus respectivos locais de trabalho.

Para obter as informações necessárias acerca da pesquisa, as entrevistas foram desenvolvidas a partir de roteiros semiestruturados, o que desencadeou a obtenção das experiências e histórias de cada profissional. Além disso, dependendo do que o jornalista vivenciava em seu trabalho e suas experiências, eram acrescentadas ou retiradas perguntas do roteiro a ser seguido.

3.2.2 Procedimentos adotados nas entrevistas

Os sorteados foram convidados a participar do estudo por meio de contato prévio, para que houvesse os agendamentos da entrevista. Conforme os jornalistas aceitavam

participar, os encontros eram marcados, e a entrevista se realizava com a captação das respostas por meio de gravador de áudio. Em média, cada entrevista tivera duração entre 10 e 20 minutos.

Essa etapa, de natureza qualitativa, foi gravada com autorização dos entrevistados e conduzida de maneira individual. Cada participante seguiu um roteiro aberto a fim de que as amostras captassem as experiências subjetivas da categoria pesquisada, sem que houvesse a participação de outra pessoa no ambiente, o que poderia intimidar o entrevistado.

Salienta-se que, após a finalização das entrevistas, os dados foram transcritos para posteriormente serem organizados de acordo com os objetivos da pesquisa em questão. Convém registrar que, no processo de análise, buscou-se identificar respostas similares com o propósito de agrupar as questões tratadas no objeto do estudo. Nesse contexto, configurou-se como essencial que os dados coletados fossem sintetizados e agrupados em categorias, sendo a forma encontrada para atender aos objetivos citados no estudo.

Nesse enfoque, cabe informar que a não revelação das identidades dos profissionais mostrou-se importante, bem como não citar em quais organizações eles atuam para garantir que não houvesse qualquer prejuízo atribuído às opiniões declaradas. Desta feita, ao abordar os participantes, era informado que a transcrição dos áudios mencionaria o momento da entrevista e as designações de participante ou entrevistado.

3.2.3 Discussão e análise dos dados da fase qualitativa

Com relação ao motivo pelo qual o jornalista escolhe seguir essa profissão, é possível compreender que a procura pelo Jornalismo está intrinsecamente ligada à paixão pela área. Por meio dela, se vê um caminho possível para contribuir com melhorias na sociedade.

Em meio às respostas, algumas pessoas destacaram que não escolheram Jornalismo e sim foram escolhidas pela profissão. Nesta questão, pode-se perceber que os que tiveram contato com quem exercia a profissão acabaram adquirindo interesse pela área. Basicamente, a maior parte desses profissionais obteve incentivo dos familiares, colegas e até de desconhecidos que observavam o potencial da pessoa e o aconselhavam a seguir na área.

Em meio às colocações dos jornalistas por optarem em atuar nesta área, termos como: “somos privilegiados, pois podemos levar informações para a população”, “buscamos assuntos que interesse o público e isso influencia na vida das pessoas”, “é prazeroso prestar serviço na arte de informar”, foram citados como argumentos.

Um aspecto importante na trajetória dos jornalistas é que, no que se refere às experiências no mercado de trabalho jornalístico, a maioria dos profissionais já trabalhou em diferentes veículos de comunicação, seja para emissoras de rádio, de televisão, jornais impressos e/ou assessorias de comunicação. Essas relações de natureza profissional se configuraram como sendo fundamentais para praticar o ofício de Jornalismo e, conseqüentemente, adquiriram experiências.

Ao questionar a questão salarial, as entrevistas permitiram mostrar que os que se dizem mais satisfeitos são aqueles que atuam na área de assessoria de comunicação. Isso não indica que tais profissionais exercem apenas uma atividade remunerada. A necessidade por aumentar a renda fez com que alguns desses profissionais sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá –Sindjor-AP fossem exercer em outro horário uma segunda atividade remunerada, também na área jornalística.

De maneira geral, ao abordar a questão salarial, a maioria dos entrevistados respondeu com sorriso no rosto que é preciso que o profissional seja mais valorizado nesse quesito. Na perspectiva dos entrevistados, a realidade do profissional é de desigualdade salarial. Nos argumentos, observou-se que o jornalista no Amapá afirma ter uma remuneração muito baixa, questão que é explicado por eles, devido não haver no estado a definição do salário-base para o exercício da profissão.

Essas informações condizem com a vida conturbada relatada por uma grande parte desses profissionais, como é o caso de exercício de atividade em outro turno, cobrança por fechamento de matérias e viagens para cobertura de eventos. Tais colocações constituem, portanto, pontos de partidas destinados a levar para o público os problemas vivenciados pelos jornalistas.

Há, portanto, uma série de problemas enfrentados na vida de tais jornalistas, o que, no entanto, não impede que as atividades diárias inerentes à profissão sejam exercidas de qualquer maneira. Observa-se por meio das colocações que, claramente, o exercício de outra atividade remunerada é importante para complementar a renda, e o retorno profissional dado é a dedicação ao trabalho.

De acordo com a maioria dos entrevistados, para que isso mude, existe a necessidade de que o Sindicato dos Jornalistas Amapaenses realize um acordo coletivo com os empresários donos dos veículos de comunicação do estado, na busca de regularizar a questão do piso salarial dos jornalistas. Nas argumentações, foram ouvidas alternativas, como: “o interesse de mudança deve ser de todos e não de apenas uma parte dos jornalistas”,

“claramente existe a necessidade de que as empresas contratantes se unam e estipulem um salário digno para o exercício das atividades”.

Por meio dessas respostas, foi possível analisar que os jornalistas, de modo geral, conseguem manter suas famílias com o salário que recebem. Ressaltam, porém, que o que recebem dá para manter suas casas, mas que ainda é muito inferior ao que a categoria deveria receber.

Em termos de possibilidade de qualificação profissional no estado do Amapá, o que prevaleceu é que a pessoa que deseja tornar-se jornalista tem amplas possibilidades de qualificação profissional. A principal colocação está relacionada à oferta de ensino superior qualificada, trata-se do reconhecimento de que, no estado, há uma instituição pública e outra privada que ofertam curso superior em Jornalismo.

Nesse contexto, foi verificado que outra questão colocada é a busca por alternativas para se capacitar. Para tanto, pode haver a participação em eventos da área, como minicursos, seminários e congressos.

Muitos destacaram que manter-se atualizado é um desafio a ser trabalhado cotidianamente. Considera-se importante buscar quais são as possibilidades de comunicação que estão surgindo e saber trabalhar essas questões para desenvolver um trabalho cada vez mais qualificado. Em alguns casos, foi relatado que, por meio de novas possibilidades de realizar comunicação, adquire-se por consequência a necessidade de buscar táticas para encaixar essas possibilidades na empresa para qual se trabalha, o que configura um ponto positivo para desenvolver as atividades.

Todos os participantes inferem que, para a prática jornalística, é imprescindível a formação superior em Jornalismo. Mesmo aqueles que não possuem nenhuma formação superior argumentam que, na vida acadêmica, o estudante passa a ter contato sobre como adquirir uma postura ética de forma a desempenhar seu trabalho de maneira correta.

Ao mesmo tempo em que existe a defesa pela formação universitária, são feitas colocações pela necessidade de o Jornalismo ser igualado a outras profissões. Tanto é assim que expressões como: “acredito que vai melhorar o mercado a partir do momento em que houver exigência de diploma”; “as outras profissões conseguem controlar quem exerce ilegalmente suas atividades”; “os anos de estudo são um preparo para o mercado de trabalho”, “temos que lutar para punir as pessoas que usam do jornalismo para se beneficiar, fugindo da responsabilidade social da profissão”, foram pronunciadas pelos entrevistados.

No que se refere à expansão das mídias sociais, os jornalistas, tradicionais mediadores da produção de conteúdo, não têm visto o seu papel desvalorizado. Acredita-se, em meio às entrevistas, que a sociedade sempre vai buscar informações consistentes e válidas, e isso é adquirido através do trabalho daqueles profissionais que desenvolvem notícias bem elaboradas. Estar atualizado diariamente é colocado como uma das consequências do desenvolvimento das atividades jornalísticas.

Na discussão, detectou-se, ainda, que existem e sempre existirão aquelas pessoas que passam para as outras informações sem verificar a veracidade. Porém, o mercado jornalístico não tende a acabar mediante isso e, sim, a se readequar. Percebe-se que a qualidade dos serviços jornalísticos pode ajudar quando existe a pretensão de buscar uma informação.

Nesse sentido, uma questão fica evidente: os jornalistas devem usar as mídias sociais a seu favor. Hoje, as pessoas podem dar retorno por meio de comentários, emitirem suas opiniões, colocarem suas críticas e sugestões, e contribuir de maneira positiva no trabalho dos jornalistas. De forma ampla, pode-se dizer que o profissional deve potencializar seu trabalho com ajuda das mídias sociais, o que não acontecia quando não havia a expansão da internet na rotina das pessoas. Essa questão, além de todas as outras já relatadas, mostra que os obstáculos geográficos da comunicação não existem mais. O que deve ser feito é realizar um trabalho que leve a população a conhecer a importância que um jornalista possui no contexto social.

Da mesma forma, fica evidenciado que as tecnologias e, conseqüentemente, as mídias sociais, dão aos jornalistas a possibilidade de captar informações sem necessariamente estar nas ruas. Ou seja, se antes o conteúdo deveria ser buscado pela cidade, atualmente alguém pode repassar uma informação relevante por meio da internet. Para os entrevistados, tais informações, uma vez checadas, são transformadas em notícias e levadas ao conhecimento público.

A análise das informações possibilitou averiguar se os jornalistas sentem-se valorizados pela sociedade. As respostas apontam que sim; no entanto foi mencionado que a sociedade respeita aqueles profissionais que prezam pelo seu trabalho, desenvolvendo conteúdos bem elaborados, e não os que manipulam o pensamento da população. Nessa lógica, os participantes indicam a necessidade de ter jornalistas preparados, conhecedores da sua importância social.

No tocante à satisfação em ser um jornalista, é possível citar que a maior parte dos entrevistados não escolheria outra profissão para atuar. Quando se fala em satisfação,

trabalham-se pontos de vista para realizar ponderações acerca das condições de trabalho, relações com os colegas de trabalho, remuneração, ou seja, a forma que o trabalho jornalístico está estruturado e o quanto isto pode ser positivo ou negativo para o profissional.

Sobre este aspecto, os entrevistados consideram que estão satisfeitos no trabalho e isso se deve, principalmente, ao reconhecimento, ao prazer com que desenvolvem suas atividades, à motivação, à relação que possuem com os colegas de trabalho, entre outras colocações. Por outro lado, existem muitos fatores que foram assinalados e que causam desgastes na profissão, como é o caso do desenvolvimento de atividades em mais de um emprego, da baixa remuneração, da falta de responsabilidade com a profissão, dos conflitos na relação jornalista-dono de empresas de comunicação e da perda da autonomia para realizar suas matérias.

É importante frisar que a maioria dos recém-formados pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP aponta insatisfação quanto à profissão na qual escolheram formação. Nesse sentido, pela importância da questão sobre autoconhecimento, serão apresentadas expressões usadas nas respostas das entrevistas.

A justificativa para tais insatisfações é justamente a remuneração salarial: “me desmotiva muito ver uma galera que tem experiência e é um bom profissional, mas, para ter uma condição financeira um pouco melhor, precisa trabalhar em vários empregos”, “pela formação profissional, estou satisfeita, pela remuneração, nem tanto...”. Tais respostas orientam para demonstrar que, independentemente do meio de atuação, os problemas salariais vivenciados são evidentes.

O que se observa no geral, é que a grande maioria dos jornalistas sente-se com o dever de realizar seu trabalho de maneira a se dedicar plenamente, o que faz com que muitos diminuam seu tempo para seu relacionamento familiar, reduzam os passeios com amigos, o que desgasta as relações interpessoais. Apesar disso, ressalta-se que, conforme analisado, a sociedade ainda considera que a profissão atribui status ao indivíduo, o que na realidade econômica não existe.

Mediante as informações descritas acima, é possível identificar as principais fontes de satisfação e insatisfação dos jornalistas. Pelo contato com os profissionais, percebe-se a satisfação em ser um profissional comprometido com o bem-estar da sociedade, captando informações que vão levar à população o que está acontecendo em um bairro, uma cidade ou país. Permanece clara a concepção sobre como está o Jornalismo no Amapá. No entanto, espera-se uma maior valorização do profissional quanto ao nível de salário.

Em termos de melhorias no Jornalismo enquanto campo de trabalho, pontos como: “os jornalistas devem ganhar mais e, de preferência, em dia”, “a categoria precisa de melhores condições de trabalho”, “as funções devem ser bem divididas”, foram apontados por todos os participantes.

Além disso, o que se percebeu pelos argumentos é que, em termos de avaliação, as empresas de comunicação estão cada vez mais influenciadas por interesses financeiros, o que acarreta em pouca ou nenhuma independência editorial.

Tais informações são pertinentes, uma vez que, conforme colocações de outros participantes, muitos jornais sofrem influência de poderes políticos e acabam por orientar seu conteúdo para a direção que mais lhe convêm, usando, algumas vezes, artifícios como denegrir a imagem de um concorrente.

Outra questão relatada diz respeito ao assédio moral na profissão. Os sujeitos mais jovens que estão no mercado ou que já atuaram nas redações jornalísticas afirmam que já sofreram assédio moral no ambiente de trabalho por parte do superior hierárquico. Comprovando isso, foram ouvidas frases como: “alguns chefes nos sobrecarregam de trabalho, até nos colocam pra desenvolver tarefas totalmente diferentes da designada”, “os repórteres novos sofrem muito com chefes ignorantes”, “alguns repórteres adquirem experiências de humilhações”. Quanto a isso, notou-se que tais atitudes antiéticas contribuem para que haja dúvidas quanto a continuar atuando na profissão.

Assim, de acordo com as colocações, infere-se que, para que o Jornalismo melhore, existe a necessidade de que o próprio profissional valorize seu trabalho, de modo que, no desempenho de suas funções, não se sujeite a tudo que oferecem, o que inclui atividades em excesso, salário baixo e falta de condições de trabalho.

3.3 SUGESTÕES DO PESQUISADOR

3.3.1 Sugestões para a academia

Dentro da proposta do estudo, pôde-se sugerir aos acadêmicos que:

- a) Explore suas habilidades durante a trajetória acadêmica, para que no decorrer de sua história profissional desenvolva suas funções com sucesso;
- b) Ademais, ao acadêmico existe o desafio de ir além do que é proposto pelos donos das empresas de comunicação, se apropriando da busca por melhores oportunidades frente aos

postos de trabalho, tornando-se muito mais que um simples jovem no mercado, especialmente na busca por espaços que contribuirão não somente para sua vida profissional, mas também para sua vivencia no contexto social.

3.3.2 Sugestões para o sindicato

Ao abordar a representação sindical dos jornalistas no estado do Amapá, propõe-se deixar algumas sugestões:

- a) Promover um amplo debate sobre a questão salarial, como forma de esclarecer junto aos profissionais qual a responsabilidade do sindicato na criação do piso salarial dos jornalistas;
- b) Estimular cada vez mais a participação do sindicato entre os associados, haja vista que o contato entre ambos se faz importante para garantir os interesses da classe.

3.3.3 Sugestões para os profissionais

- a) Buscar união para melhorias sobre questões relacionadas ao cumprimento de horários, no intuito de minimizar as interferências nas rotinas que afetam a família do profissional;
- b) Apresentar sempre um comportamento íntegro, valorizando seu trabalho e a empresa na qual está inserido. Se no decorrer do tempo notar que não está mais apaixonado pelo que faz, averiguar onde está o problema, se na área de atuação, no ambiente, na companhia de trabalho ou em você. Nesse desenvolvimento de atividades, o entusiasmo deve vir sempre em primeiro lugar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa possibilitaram alcançar o objetivo geral proposto, que é o de realizar investigações acerca do perfil profissional dos jornalistas no Amapá. A partir do presente estudo percebe-se que, predominantemente o campo do jornalismo do estado é formado em sua maioria pelo público feminino, de faixa etária entre 31 a 40 anos, que se autodeclara negro, com naturalidade amapaense, de formação acadêmica no nível de graduação e/ou especialização (sem necessariamente ser da área, já que apenas 40% se declara graduado em Jornalismo).

Além disso, também foi possível atingir os objetivos específicos elencados, como é o caso de perceber características comuns quanto ao campo em que o jornalista está inserido. Nesse sentido, pode-se observar que a carga horária de trabalho é de até 40 horas semanais, com acúmulo de funções não remuneradas na área do Jornalismo. Nessas circunstâncias, majoritariamente, os sujeitos da pesquisa apresentam faixa salarial entre 5 e 10 salários mínimos.

A partir do objetivo de abordar qual/quais a(s) área(s) do Jornalismo esses profissionais estão trabalhando, observou-se com evidência a presença predominante de assessores de comunicação, somando 70,9% dos respondentes. Assim, essa área de comunicação é que se apresenta como sendo a que gera um salário maior se comparado a outras.

Ademais, a pesquisa tinha o objetivo de verificar o que o jornalista recém-formado e os que já se encontram a mais tempo na área pensam sobre o próprio trabalho e sobre o Jornalismo. Dessa forma pode-se inferir que na vida dos jornalistas que estão há mais tempo no mercado de trabalho o jornalismo é visto com paixão e, que apesar dos baixos salários, ainda acreditam na profissão, tanto que esse motivo leva o indivíduo a exercer outras funções sem desistir da carreira.

De acordo com a perspectiva geral dos mais jovens, existe insatisfação quanto à profissão na qual escolheram formação, os argumentos são equiparados aos dos jornalistas filiados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá que abordaram os baixos salários. No entanto, o recém-ingressante no mercado de trabalho aponta que sofre assédio moral nas redações jornalísticas, o que contribui para o desgaste do profissional.

Integrado com objetivo anterior, buscou-se elucidar razões pessoais que possam ter influenciado na sua decisão de se tornar um jornalista. Nesse foco, a pesquisa indica ainda,

que o jornalista se inseriu na profissão a fim de levar melhorias para a sociedade. Tanto é assim que a própria função que esses trabalhadores desempenham na sociedade está intrinsecamente ligada o ato de falar com outra pessoa.

Outro ponto importante a considerar refere-se a verificação das rotinas produtivas desses profissionais. Tal abordagem possibilita afirmar que o jornalista na esfera amapaense, sobretudo na atualidade, é um profissional que, para desenvolver suas atividades, deve se amparar não somente aos seus conhecimentos, mas em habilidades e multicompetências quanto às áreas do Jornalismo.

Ademais, além da questão acima descrita, outro aspecto abordado e elencando como o último objetivo específico, refere-se a opinião dos jornalistas quanto à exigência de diploma em Jornalismo para o exercício da profissão. O presente estudo mostra que os jornalistas majoritariamente defendem a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, e consideram que a graduação na área representa a busca pela qualificação da atividade profissional.

Com isso, é voltada a finalização do trabalho à pergunta de pesquisa feita no início “Como está o mercado dos jornalistas no estado do Amapá?”, e pode-se dizer seguindo a abordagem qualitativa, que os jornalistas se consideram satisfeitos em poder levar a população os assuntos inerentes ao estado e por considerarem que tal profissão agrega reconhecimento, atrelado a um leque de relações tanto com colegas que trabalham na área como com a sociedade em geral.

Em contrapartida, ainda há, muitas condições que causam insatisfação no campo de trabalho jornalístico, como é o caso de ter que desenvolver mais de uma atividade, receber salários baixos e ter que seguir a linha editorial do dono da empresa jornalística, que algumas vezes visa atender somente o interesse do contratante do jornalista e não a população da cidade na qual o veículo de comunicação é visto.

Com isso, pondera-se que cabe ao jornalista buscar alternativas profissionais e econômicas que lhe permita desenvolver seu trabalho pautado nos valores que identificam o jornalismo como prática social. Nesse entendimento, o jornalista pode realizar atividades empreendedoras, que levem a melhoria desse quadro amapaense e ao mesmo tempo gere credibilidade para manter-se com sua identidade profissional.

A partir dessa visão, ressalta-se que as relações de interesse sempre existiram na área. No entanto, em meio a esse quadro, não se deve atribuir tão somente ao Sindicato a

melhoria da categoria. Espera-se que os novos profissionais que estão saindo das graduações na área enfrentem os desafios inerentes a profissão, de modo a alcançar melhorias.

Assim, a partir dos pontos abordados é possível verificar que a pesquisa foi crucial para fomentar, uma discussão rara no meio acadêmico e ainda na entidade representativa da categoria, adquirindo informações pertinentes, o que foi fundamental para a obtenção de uma base de dados a serem explorados.

Dessa forma, ressalta-se que esse trabalho buscou fazer um retrato científico do perfil do jornalista no Amapá. Não são apresentadas respostas fechadas, mas com levantamentos pertinentes, chegamos ao entendimento de que são cruciais pesquisas como essa que façam que o jornalista compreender e reflita sobre os aspectos referentes ao campo em que estão inseridos.

Espera-se através deste trabalho, sirva como ponto de partida para novas pesquisas nessas áreas, de modo a fornecer informações para que sejam realizadas mudanças ao público estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Isabel Regina; SCHEIBE, Roberta. **Por uma conversão do olhar: Desbravações Epistemológicas no Amapá.** Jornal da ALCAR (publicação mensal da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia da UFRGS), RS, ano 2, n. 9, p.3-4, Agosto. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Consolidação das leis do trabalho.** Decreto-lei nº 5.452/1943: Dos jornalistas profissionais. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm. Acesso em: 15 Mai. 2016.

BRESLER, Liora. **Pesquisa qualitativa em educação:** Contextos, características e possibilidades. Revista da Abem nº 16, p. 7 a 16, Março de 2007.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa.** São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e crítica do discurso noticioso:** Notas sobre Jornalismo e representações sociais. Covilhã, Portugal: LabCom, 2009. E-BOOK. Disponível: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/44>. Acesso em: 18 Mai. 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2008.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas:** métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros. 2007.** Disponível em: http://fenaj.org.br/federação/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf. Acesso em: 12 Fev. 2016.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. (org.). **Formação Superior em Jornalismo:** Uma Exigência que Interessa à Sociedade / Florianópolis: [s.n.], 2002 (Florianópolis: Imprensa da UFSC) - 2ª edição.

FIGARO; Roseli.(org.). **Atividade de comunicação e trabalho dos jornalistas/** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.16, n.1, jan./abr. 2013.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA e SOUZA, Paulo H. Rodrigues de. **O pós-fordismo na produção jornalística**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v.2, n.15. p. 1-18, julho/dezembro 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4264/4426>>. Acesso em: 16 Mar. 2016.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias: Capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira; KUHN, Wesley Lopes. **Jornalista Contemporâneo: Apontamentos para discutir a identidade profissional**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 21, p. 57-69, julho/dezembro 2009.

FRANCISCO, Wagner De Cerqueria E. **Aspectos da população do Amapá**; Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/aspectos-populacao-amapa.htm>>. Acesso em: 13 Jul. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**- 8º ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: Ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Covilhã, 2000. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 Mai. 2016.

GUIMARÃES, Manuel Marcos. **Sociologia do Jornalismo: O caso Brasil**. In: NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impacto na qualidade de vida do jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório no 12/2003.

HERSCOVITZ, Heloiza. **Jornalistas brasileiros no século XXI, visões sobre a profissão**. Brasília: Fenaj, 2010. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/arquivos/resultados_enquete_com_jornalistas_brasileiros.doc. Acesso em: 4 Fev. 2016.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **O estudo de história nos cursos de Jornalismo**. Artigo publicado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2008. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0658-1.pdf>. Acesso em: 30 Mar. 2016.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5º ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, F. H. C. In: LEITE, F. H. C.; SAKAGUTI, S. T. **Metodologia Científica**. Estatística II. Dourados-MS: UNIGRAN, 2009.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. **O jornalista em pauta**: Mudanças no mundo do trabalho, no processo de produção e no discurso. In: Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: Identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013 (Coleção Temas de Comunicação).

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MELO, José Marques. **Teoria da Comunicação**: Paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro** - características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012/ Jacques Mick, Samuel Lima – Florianópolis: Insular, 2013.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: O jornalismo como profissão.** BOCC: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabioresponsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2016.

PEREIRA, Fábio Henrique. **A elite dos jornalistas brasileiros: Representatividade e legitimidade dentro do grupo profissional.** 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-elite-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 20 Mai. 2016.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais.** Intexto, v. 1, n. 24. Porto Alegre: UFRGS, janeiro-junho 2011, p. 38-57.

PETERS, Tom. **Reinventando o trabalho.** São Paulo: Campus, 2000.

RIBEIRO, M. L. **A Imprensa e a esfera pública: O processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)** Trabalho apresentado no I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, realizado de 1 a 5 de junho de 2003. GT 01 História da Mídia Impressa. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/viewFile/166/124. Acesso em: 18 Jan. 2016.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997 história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Ação Afirmativa ou a Utopia Possível: O Perfil dos Professores e dos Pós-Graduandos e a Opinião destes sobre Ações Afirmativas para os Negros Ingressarem nos Cursos de Graduação da UnB.** Relatório Final de Pesquisa. Brasília: ANPEd/ 2º Concurso Negro e Educação, mimeo, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** Vol. II. Florianópolis, UFSC. Vol.II, nº 1 - 1º Semestre de 2005. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/331/showToc. Acesso em 29 Fev. 2016.

SUPERIOR TRIBUNAL FEDERAL. **Supremo decide que é inconstitucional a exigência de diploma para o exercício do jornalismo.** 2009. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>>. Acesso em: 16 Mai. 2016.

TERENCE, Ana Cláudia; ESCRIVÃO-FILHO, Edmundo. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** In. ENCONTRO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, 26, 2006, Fortaleza, Anais... Fortaleza: Enegep, 2006. Disponível em: < http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf>. Acesso em: 6 Jan. 2016.

TRAQUINA, Néilson. **Teorias do jornalismo:** Porque as notícias são como são. v1. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo:** A tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transacional. v2. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas.** 4. ed. São Paulo: Summus, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Sylvia Constant. **Começando a definir a metodologia.** In: VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

WEBER; Max. **Economia e sociedade:** Fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. v.1, 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

BIBLIOGRAFIA

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e jornalismo**: uma cartografia dos valores. São Paulo: Escrituras, 2002.

APÊNDICES

Apêndice A - etapa quantitativa - questionário estruturado

Olá!

Meu nome é Acácia Farias, sou acadêmica do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Venho pedir que compartilhe um pouco sobre sua atuação profissional no campo jornalístico neste breve questionário, que servirá de subsídio para produção da monografia “Perfil e Mercado do Jornalista Amapaense”, da qual sou autora.

O questionário é anônimo, são poucas questões e vai levar menos de 5 minutos para responder.

A data limite para resposta é dia 10 de Março de 2016. Por favor, não perca o prazo.

Caso tenha problemas em responder, basta clicar no link abaixo ou copiar e colar o endereço no seu navegador da internet:

<https://docs.google.com/forms/d/1oHhrgUUrO34IxdmMOlZxITvuO9zgz-JvunyhFSpfoPI/viewform>)

Conto com sua colaboração para entender melhor o mercado de trabalho do jornalista no Amapá!

Desde já agradeço!

Acácia Farias

Estudante do 8º semestre de Jornalismo – UNIFAP.

1-Qual seu sexo?

() masculino

() feminino

2-Qual sua faixa etária?

() até 20 anos

() 21 a 25 anos

() 26 a 30 anos

() 31 a 40 anos

() 41 a 50 anos

() acima de 50 anos

3-A sua cor ou raça é?

() branca

() preta

() amarela

() parda

() indígena

4-Você é praticante de alguma religião?

() Sim, católica

() Sim, espírita

() Sim, evangélica

() Sim, de outra. Qual _____

() Não, não sou praticante de nenhuma religião

5-Qual a sua naturalidade?

() amapaense

() paraense

() maranhense

() Outros. Qual _____

6- Qual seu nível de escolaridade?

() ensino médio

() graduado em jornalismo

() especialização () na área de jornalismo () em outra área

() pós graduado

() graduado em outra área

() mestrado

() doutorado

() pós doutorado

7-Caso tenha graduação em jornalismo, sua formação foi concluída em instituição?

() pública, UNIFAP

- () pública UFPA
- () particular, Estácio
- () Outra. Qual _____

8- Você é associado a algum tipo de sindicato?

- () Sim, ao SindJor Amapá
- () Sim, ao sindicato de jornalistas de outro estado
- () Não, não sou associado

9- Qual área de comunicação você trabalha?

- () Jornal, revista
- () Televisão
- () Rádio
- () Internet
- () Assessoria
- () Outro(s) _____

10- Quanto tempo você atua na área jornalística?

- () menos de 2 anos
- () de 2 a 4 anos
- () de 5 a 6 anos
- () de 7 a 10 anos
- () mais de 10 anos

11- Qual sua faixa salarial?

- () até 1 salário mínimo
- () de 1 a 2 salários mínimos
- () de 2 a 3 salários mínimos
- () de 3 a 4 salários mínimos
- () 5 a 10 salários mínimos
- () mais de 10 salários mínimos

12- Qual sua função atual?

- repórter
- editor
- assessor de imprensa e comunicação
- coordenador
- outro. Qual _____

13- Você acumula mais de uma função remunerada?

- sim, na área jornalística
- sim, em outra área
- não acumulo

14- Quantas horas você trabalha por semana?

- até 25 horas
- até 30 horas
- até 40 horas
- mais de 40 horas

15- Qual tipo de setor você trabalha?

- público
- privado
- organizações do terceiro setor(Ongs, fundações)

16- Você trabalha para:

- governo federal
- município
- governo estadual
- Ministério público
- judiciário
- Outros. Qual _____

17- Qual sua forma de ingresso em seu primeiro trabalho?

- continuação de estágio
- processo seletivo

- concurso público
- cargo de confiança
- indicação de um amigo
- outros. Qual _____

18- Qual sua opinião a respeito da exigência de formação na área para o exercício da profissão?

- sou a favor da exigência de formação
- sou contra a exigência de formação
- não tenho opinião formada ou sou indiferente

Apêndice B - etapa qualitativa - roteiro de perguntas

1. Quais fatores levaram você a escolher atuar na área do Jornalismo?
2. Quais suas experiências no mercado de trabalho jornalístico?
3. Como você vê a questão salarial para os jornalistas?
4. O Amapá proporciona possibilidades de qualificação profissional?
5. Qual a sua opinião sobre a exigência de ensino superior para o exercício da profissão?
6. Você acredita que com a expansão das mídias sociais, os jornalistas, tradicionais mediadores na produção de conteúdos, têm visto o seu papel desvalorizado pela facilidade de qualquer pessoa publicar e difundir informação?
7. Você acredita que o profissional no estado é valorizado, no sentido da sociedade respeitar a profissão?
8. Você está satisfeito como jornalista?
9. Se pudesse voltar no tempo, atuaria na área de Jornalismo novamente?
10. Na sua opinião, o que precisa melhorar no Jornalismo enquanto campo de trabalho?